

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, DE 3 A 9 DE NOVEMBRO DE 1975 — N.º 18

ARQUIVAR

PREÇO DESTA EXEMPLAR

CR. \$ 2,00



TOZZI, OUTRA VITÓRIA DA CUCA. (PÁG. 16)

*A serra do Japi
interessa o Estado (página 6)*

*O nosso cemitério
no arquivo morto (página 11)*

*Deputados dizem que
o prefeito gasta demais (página 3)*

*Futuros médicos
comentam a cidade (páginas 8 e 9)*

“Bom era meu irmão. Ele morreu, eu não”

(Hai-Kai de Millôr Fernandes)

Homenagem a todos os finados,

principalmente aos

que se esqueceram de deitar

PMJ
ERAZÉ MARTINHO
UGC - AH

O HELICÓPTERO

Doze votos contra um: O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL DE RECURSOS — TFR — deliberou, dia 30 último, em Brasília, que continua proibida a peça Abajur Lilás, de Plínio Marcos. Quem foi esse um a favor? Foi o ilustríssimo ministro Jarbas Nobre que, ao contrário de seus colegas, não considera Abajur Lilás obscena. Para o sr. ministro, que a peça não conseguiu scandalizar, “a concepção de moral e imoral depende da formação cultural de cada um. E como as cenas são passadas dentro de um bordel, não poderia ter outro palavreado senão o que o autor empregou”. Jarbas Nobre, o ministro, afirmou que considera a peça sadia, e que acredita que seu conteúdo não assuste os jovens. “Ao contrário”, diz ele, “os jovens, tão carentes de fé, ao verem a peça irão em busca de Deus”. Na opinião do ministro, os personagens de Abajur Lilás existem, sofrem e mor-

rem. E acrescenta: “Plínio Marcos compôs sua obra de arte com material poder”.

Segundo o advogado Iberê Bandeira de Mello, o despacho ministerial “joga por terra o direito ao trabalho e ao de livre expressão de pensamentos, garantidos pela Constituição”. Por isso afirmou que pretende recorrer da decisão junto ao Supremo Tribunal Federal.

Quantas pás tem o helicóptero? Em movimento quantas mais ainda? O helicóptero como todos sabem, tem inclusive a capacidade de voar sem sair do lugar. Mas, da mesma forma que pode facilmente ser abatido, pode ser também abatido. A verborrêia utilizada pelos onze contra o Abajur Lilás, mistura-se o daltonismo daqueles senhores que nunca perceberam nem o cheiro do orgasmo nas cores dos sonhos de seus lençóis.

Fala-se também da Fumarate (Fundação Nacional de Ar-

te) para difundir as atividades artísticas em todo o País. Dia 30, enviou ela ao Congresso o projeto de lei do novo órgão, que será subordinado ao MEC, englobando todas as entidades do Ministério que atuam no setor, como o Serviço Nacional de Teatro e o Museu Nacional de Belas Artes. O ministro Ney Braga, da Educação, cita, na exposição de motivos que acompanha o projeto o “dever do Estado de amparo à cultura, para garantir condições propícias à criação e expansão das artes”, e recorda que será “resguardada a liberdade da criação”, nos termos da Constituição. Será mais um helicóptero? Quantas pás possui esse novo moinho? Quantos Dom Quixotes? Quantos Sanchos Pança? E' bom não esquecer que os ventos, contradizendo as Escolas de Samba, não pedem licença para passar.

Ricardo Bandeira

Canto Chorado

De conformidade com as calendas gregas, hoje é dia dos “santos miningildos”. Um dia depois dos Finados...

Dizem os oráculos que grande seria o ganho se nunca tivessem nascido.

E por via disso, ao contrário do que acontece com os eventos de grande repercussão comunitária, não haverá festa comemorativa. Apenas um sino nostálgico estará bimbando à porta da colenda, para anunciar o ofício de réquiem que os pagantes do predial mandaram celebrar em sufrágio dos 40 milhões que estão enterrados no córrego do mato.

Depois da penitência e do desjejum, vão reunir-se no lugar do costume, para a “delivrança” de novos cidadãos jundienses, em frontal competição com as maternidades hospitalares.

Comenta-se, até, a esse respeito, que a Sociedade dos Amigos da Buracolândia vai mandar distribuir pílulas anticoncepcionais, atendendo ao planejamento familiar que está sendo exigido pela falta de habitat, isto é, pela falta de luz, de água, de esgoto e de tudo o mais que os recém-nascidos vão precisar para continuar vivendo na bagunçada terra dos jundiás. Ademais, um nascimento prematuro pode até ser fatal aos “pimpolhos” pelo perigo de quebrarem as perninhas na buraqueira das ruas.

Há que se evitar, outrossim — dizem os da Sociedade — que se insemine indiscriminadamente os “miningildos” para que não continuem fabricando “carrancas de proa” que outra coisa não são que meros instrumentos de badalação, etcetera e tal.

Entretanto, é justamente aí que o truque entra com seu joguinho de cabra-cega.

Enquanto que vão engazopando os sugestionáveis com a gestação de novos nascituros, vão deixando no fundo da gaveta aquela ce-pe-i formada com o salutar propósito de escancarar certos “progressos” que de minuto a minuto estão consumindo a grana do contribuinte nas colunas dos jornais.

A dita ce-pe-i custou vinte mil pedros à velha Petronilha. Foi posta às traças porque os “miningildos”, que enfaticamente a conceberam, compuseram as caras para render vassalagem ao “revolucionário” das 200 milhas submarinas.

O que os “miningildos” ainda não entenderam é que, engavetada do jeito que está, a citada ce-pe-i acabará “cheirando” tanto que quando chegarem as eleições a colenda vai precisar de uma purificação à base de creolina e outros desinfetantes de efeito antiparasitário.

Mas, apesar dos pesares, agora que estão com o burro à sombra não vão dar murros em ponta de faca. O que não impede que, aos cochichos, fiquem dizendo uns aos outros:

P'ra que querem ce-pe-i
P'ra que fazer tanto ruído
P'ra que mexer em vespeiro
Se estava tudo esquecido?

À medida em que vamos marombando
Vai o povo pegando o nosso pé
Na certeza de que estamos legislando
Vestidos em libré

SIMÃO



TIPOGRAFIA
JUNDIÁ
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS
Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Alberto F. Cecchi
Ilustrações: Suzana Traldi de Souza
Oficinas Impressoras: “Diários Associados”
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo

Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Concorrências Públicas (III)

Citamos no projeto da Sotafe, várias curiosidades, tendo-nos escapado uma que vale considerar.

Trata-se do orçamento com preços da Prefeitura de São Paulo e da Emurb para obras em área urbana.

Traduzindo, quer dizer: foram adotados preços como se as obras a realizar fossem na Avenida Paulista, quando se sabe que lá, para se trabalhar devem ser considerados problemas com rede de água, esgotos, iluminação, telefone e asfalto, pois, tudo depende de remoção ou alteração.

Os moradores de Jundiaí conhecem a Avenida Paulista e sabem que o local onde foi construída o Córrego do Mato não tinha qualquer semelhança. Era mato mesmo. Ficou claro?

De qualquer maneira o projeto ficou pronto. O que fazer?

A lei exige duas providências fundamentais:

Que se abra concorrência pública e que haja ver-

ba própria para sustentar a execução das obras.

Atendeu-se à lei em parte. Abriu-se concorrência pública para o plano viário de Jundiaí, com prazo de 21 dias corridos a fim de que as empresas interessadas se habilitassem.

Prazo curto como esse se dá para as menores compras. Veja-se o edital n.º 55/75 da Prefeitura, para simples compra de gêneros alimentícios destinados à merenda escolar e publicado nos dois jornais locais e confira-se o prazo: 17 dias corridos.

Tomemos uma pausa para meditação.

Imaginemos que vamos construir uma casa de residência muito boa, de fino acabamento, com a área 250 m², 3 quartos, duas salas, três banheiros, cozinha e garagem.

Já com o projeto pronto, calculados os materiais necessários, o que faríamos?

Em primeiro lugar sairíamos por aí, conversaríamos com meia dúzia de

construtores e pediríamos orçamentos.

Agora, calma, por favor. Sendo claro que haveria discussão de detalhes, como qualidade de material, cores de azulejos, pisos, tipos de portas e janelas, daria para se conseguir alguns orçamentos de material e mão-de-obra em 16 dias úteis, em plena semana de festas de Natal?

Se estivessemos dispostos a dar nosso projeto a um amigo comum por conhecermos suas qualidades e nele depositarmos inteira confiança, daria. Não precisaria nem tomada de preços. O nosso dinheiro gastamos, como bem entendemos e ponto final.

Nada disso, porém, é possível e admissível quando se trata com o dinheiro público. Daí a obrigatoriedade da concorrência.

Então, dá para entender que é quase impossível alguém, com planta e memorial na mão, contratar uma construção de uma casa em 16 dias?

Muito bem. O valor bá-

sico calculado pela Sotafe, em 1973, para o plano viário foi de 198 milhões de cruzeiros. Um plano onde há previsões de aterros e desaterros sem conta, construção de canais, de pontes e viadutos, iluminação pública, paisagismo e asfaltamento, cujo preço daria para construir mais de 700 casas da melhor qualidade.

Será necessário muito esforço para se aceitar que um projeto de tamanha envergadura, com tantas implicações, possa ser estudado e orçado em 16 dias úteis ou 21 dias corridos.

Pois é. O edital de concorrência foi publicação no dia 13 de dezembro de 1973 e o vencimento foi marcado para o dia 3 de janeiro de 1974. Se retirarmos os sábados e domingos, mais feriado, o primeiro e o último dia (retirada e entrega), teremos 14 dias úteis de trabalho.

O fato é que apresentaram as propostas em tempo.

Ah! Os senhores são da nova geração e não acreditam em milagres?

Como não. Em Jundiaí, bem no início do ano de 1974, deu-se um.

Três propostas foram apresentadas, todinhas de igual preço. Todinhas dentro da lei. Bem, quantas empresas deixaram de se apresentar por impossibilidade quanto ao prazo não se sabe.

Só para rematar. Mesmo que o prazo fosse considerado suficiente para alguns empresas mais familiarizadas com o problema de Jundiaí, ainda assim é de se qualificar o ato como inconveniente, uma vez que, nada estava impedindo maior prazo e divulgação, que resultariam em considerável soma de economia para o município.

(continua)

VIRGÍLIO TORRICELLI

Deputados contra o desperdício de dinheiro público em Jundiaí

Como já tivemos ocasião de dizer, nosso jornal nasceu do anseio popular que vinha reclamando a existência de um porta-voz imune às benesses dos cofres municipais.

Eis porque, desde seus primórdios, não ter regateado críticas as mais acerbadas à administração municipal de nossa terra, por eivada, como se encontra, de vícios e licenciosidades características da mais requintada indiferença aos interesses maiores da cidade e da gente que a povoa.

São sobrecargas pesadíssimas através de monstruosas majorações tributárias; são concorrências acoimadas como lesivas da bolsa pública, sem nenhuma contestação, o que vale dizer que o calado consente; são secretarias ociosas corroendo os fundos do

erário; são comissionamentos desnecessários de centenas de funcionários despreparados; são "reestruturas" inconcebíveis com propósitos viciosos de favoritismos pessoais; são gastos com propaganda publicitária que ultrapassam os duzentos milhões antigos num só exercício etc.

Em resumo, a cornucópia dos fundos públicos não pára de jorrar dinheiro a esmo sem nenhum proveito para a população, sendo que o empregado em obras, via de regra, sempre é bem mais que o valor estimativo do serviço.

Esses e outros acontecimentos marcantes da vida administrativa do município levaram a Assembléia Legislativa do Estado a dedicar horas inteiras na respectiva análise, com acres manifestações

dos respectivos deputados, dentre os quais, com a devida vênia, reproduzimos as seguintes:

Do deputado Jairo Maltoni — "Faço um apelo aos órgãos superiores do Governo federal no sentido de que não sejam liberados empréstimos com tanta facilidade, pois quem terá que pagar esses empréstimos com correção monetária será sempre o município, aquele que não conta com rede de água e de esgotos em sua casa. Saibam v. exas. que em Jundiaí há uma certa melancolia, principalmente quando se inaugura uma obra suntuosa e menos prioritária, pois 43% da cidade não possui rede de água e de esgoto.

E fala-se em "progresso da cidade a alta velocidade". Diremos que é a extinção do poderio do bol-

so do povo em supervelocidade.

No que se refere à avenida Marginal e ao córrego Jundiaí cremos que não conseguirá terminar essa obra nem em um terço. No entanto, foi gasto dinheiro do povo, o que deixa os políticos da cidade preocupados porque estão na iminência de elegerem meros tesoureiros, pois outra coisa não poderão fazer senão pagar as contas da atual administração".

Do deputado Horácio Ortiz — "Tenho acompanhado os acontecimentos em Jundiaí. Muitos amigos meus residentes naquela cidade estão apavorados com o programa de trabalho do prefeito que resolveu elaborar um plano de vias expressas. Cerca de trezentos milhões de cruzeiros estão sendo aplicados na tentativa de execu-

ção dessas obras. (Radial Leste, córrego Jundiaí, Marginal etc.). Não sei se nos próximos cinco anos ou dez anos o município vai sair desse buraco. Enquanto isso problemas essenciais estão sendo completamente esquecidos. Então aqui fica a minha solidariedade ao deputado Jairo Maltoni por este protesto que representa o ponto de vista da população daquela cidade", etc., etc.

Como se sabe — pela importância de que se reveste — o Poder Legislativo do Estado funciona como caixa de ressonância aos principais centros políticos e culturais do País, o que vale por uma péssima propaganda para a nossa cidade.

ÉLCIO VARGAS



EL PESSOAL VAMOS A
**DISNEYWORLD - MIAMI
BAHAMAS**
SOLICITE A VISITA DE NOSSO PROMOTOR
TUDO A SEU ALCANCE
EM DIAS INESQUECÍVEIS
ABITE TURISMO
ROSARIO 585 - FONES 61530 - 43922

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR
ZETISERVE
A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAI
LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO **CHICKEN-IN**
avenida antonio segre, 504

É preciso comunicar

Por mais que os tempos se renovem, por mais que o futuro se faça presente, há uma figura que é sempre atingida, ou por elogios irônicos, ou por críticas destrutivas, dentro desse mundo de comunicações.

Essa figura julgada sinistra e presunçosa por alguns; espiã e fofoqueira por outros; fingida e mentirosa por muitos; importante por bem poucos, participa mais do que ninguém das atividades vitais dessa vida global.

Essa figura rejeitada, é a dona da palavra no mundo das comunicações. Sim, o jornalista, esse cara que ainda hoje atravessa crises não muito diferentes de todas as que já atravessou.

Seu objetivo reúne-se numa só palavra, a qual quase nunca é entendida. Uns acham que essa arte deve ser pintada com cores preciosas e raras, dificultando o melhor entendimento das diferentes classes sociais. Para outros essa mesma arte, as vezes pintada de cores estravagantes e sensuais podem trazer certas desvantagens para si mesma.

Exatamente como foi dito, Comunicar é arte. Difícil de ser entendida pelos que fazem questão de não entenderem, fácil para seus criadores e participantes.

Comunicar não é fazer tragédia, nem mesmo imprimir com sangue a manchete de um jornal. Comunicar é muito mais crítica e mostra da opinião própria sobre os valores existentes em todas as direções. O jornal, talvez o comunicante que mais circule dentro das diferentes classes sociais, é lido agora e em seguida criticado, crítica essa que quase sempre é destrutiva. Somente são ressaltados os pontos desfavoráveis, fazendo com que os favoráveis apareçam despercebidos.

Talvez esses críticos que na verdade não são, ainda não tenham reconhecido o valor imenso dessa arte, que nunca foi reconhecida como tal.

A arte de comunicar pode não ser a mais apreciada, mas sempre será a mais, ou uma das mais importantes, nessa evolução tecnológica, onde o homem quase que já conseguiu virar máquina.

Muitos jovens, preocupados com o futuro, interessam-se por profissões que os façam amanhã, médicos, engenheiros, e tantas outras coisas ligadas aos valores de nossa época. No meio dessa juventude destaca-se uma pequena minoria considerável, a qual se interessa pela comunicação.

Comunicação não é somente escrever notícias, nem apenas encenar uma peça teatral. Comunicar é resumir um pouco de tudo, por isso que nos dias de hoje a comunicação merece um pouco mais de atenção não somente de você, intelectual, mas também de você jovem como eu e de você adulto que amanhã será testemunha do dia de hoje.

Assim sendo, porque nos prendermos apenas às manchetes e não às reportagens completas?

Você que critica essa figura, porque não tenta fazer um trabalho melhor que o dele?

Quanto ao "Jornal de 2.a", cabe acrescentar que o seu trabalho tem sido um dos mais importantes em toda a cidade. Esse comunicante caçula tem feito muito, muito mais do que alguém já possa ter feito pela arte plástica, arte teatral, pela arte escrita e falada, enfim pelas comunicações.

Não exclusivamente pelas artes comunicativas, mas também por todas as artes, em particular pela arte de viver.

Isso é o que se chama Comunicação, o fenômeno de colocar o público ao par da vida, e não apenas ao par de alguns detalhes, ou fatos.

Comunique, isso não faz mal a ninguém, quando você sabe comunicar. Falei!

Rosana Saccenti

JORNALEIROS

Senhores: "E" com satisfação que acusamos o recebimento de vários exemplares do "Jornal de 2.a-Feira", editados por Vs. Ss.

"Outrossim, queremos agradecer com sensibilidade o magnífico artigo-recordação de ERAZÉ MARTINHO, inserido na segunda página do Jornal n.º 15, lembrando, além do mais, o 7.º aniversário do nosso Sindicato, cujos recortes, além ainda de fixados em nossa sede, em lugar visível, são devidamente arquivados em pastas próprias.

"Sem outro particular para o momento, apresentamos a Vs. Ss. os protestos de nossa elevada consideração e distinto apreço. — Atenciosamente, Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas de São Paulo — WLADEMIR TOLUSSO — Presidente.

O QUE É A VIDA?

"A vida só nos parece breve porque a medimos incessantemente com as nossas loucas esperanças". — (A. France)

Reflexionemos sobre a vida:

Melancolia e amarguras exalam da vida! A dor fala todos os idiomas da terra e a sorte só fala o seu próprio idioma!

Felicidade e dor são formas transparentes de nossa alma e, uma como outra, são flores e espinhos que enfeitam o jardim do espírito humano.

Aos tropeços caminhamos pelo mundo à procura de um lugar onde possamos nos estabelecer na vida. Na dor nos fazemos, nos prazeres nos desgastamos. A desgraça nos une, a sorte nos separa.

Viver é apurar-se pelo calix da amargura, quedando-se só, ante um indomável tropel de contingências de um mundo de aparência, simbolismos e mistérios!

"MINH'ALMA É TRISTE COMO A MORTE!" — exclama Jesus. "ECE HOMO" — diz Pilatos.

Cristo e Lucifer são representações mais enérgicas da vida humana porque representam A TRAGÉDIA DO VIVER! e a tragédia do viver está na consciência que temos de um limite inacessível do qual não podemos passar, ao menos nesta vida! "NON POSSUMUS!"

Jesus simboliza o coração e Lucifer a inteligência! Aquele encarna a resistência, o amor, a abnegação, o sacrifício, enquanto este se retrata pela rebelião ante o finito.

Ser finito é estar encarcerado e quando se consegue fugir deste cárcere, encontra-se uma barreira insuperável, tal qual uma força esmagadora de amargura e de calvário!

O homem é um condenado, por nascimento, ao inferno desta vida onde se mantém a todo custo encarcerado. O Paraíso se converte em Inferno quando Lucifer chega a ter consciência clara do limite inacessível do NÃO POSSUMOS.

A rebelião de Lucifer é a rebelião da razão, da mente e da inteligência humana, de sua transfinidade contra a finitude, até a infinitude, sempre sonhada e jamais alcançada.

A inteligência humana não se conforma com a resignação e se lança em busca do ignoto, da Divindade e, quando acredita tê-la alcançado, se encontra — oh ceus! — ante a sua própria imagem e sua própria obra: **A própria obra e imagem do homem!** Então, aterrado ante tal maravilha, põe-se em dúvida, não sabendo se é ele o próprio Deus, ou se os deuses foram criações humanas!

É a luta do cérebro e do coração, de consciência e de espírito, de passado, de presente e de futuro, de esperanças e de depressões, de arrogância e de temor, de poderio e de debilidade, do SER OU NÃO SER e nisto tudo se espelha, em corpo inteiro, **A TRAGÉDIA DO HOMEM!**

Quando se é jovem vive-se de esperanças e chega-se à velhice apenas contando com um vasto manancial de recordações, cheio de ilusões e de um dia para outro, lentamente, suavemente, docemente, ir se aproximando, cada vez mais, do leito da morte.

Pode-se amar a vida como UM BEM ou odiá-la como UM MAL. Aceitá-la como um fato ou estudá-la como um fenômeno, porém, o caso é que não sabemos, precisamente, **O QUE É VIVER!**

Poderão os doutos dizer que a vida é um estar em constante movimento, que viver é movimentar-se entre a luz e a sombra, que viver é vacilar, que viver é ter consciência de unicidade, que a vida é a desvencência de si mesmo, que viver é encontrar-se em um mundo de coisas que nos atraem e nos repugna quando nos ocupamos delas, que é a coexistência do EU com o NÃO EU ou NÃO SOU. Dirão que a vida é um trabalho com uma pequena margem de possibilidades e que estas possibilidades são uma toda extensão de liberdade, que a vida é um constante acumular de conhecimentos acompanhados de experiências, que a vida é mais uma função de sobrevivência do que de coexistência, que viver é realizar um projeto de existência, justificando-se a si mesmo o que seja o POR-QUÊ e PARA QUE. Admirarão, ainda, que o pensamento e a vontade são instrumentos com os quais o homem efetua as suas realizações ou a própria vida, que a essência do fazer está no puro querer realizar as coisas, a cada instante, impulsionada por algo, por motivo e com uma finalidade que é o resultado da obra. Acrescentarão que na vida é necessário definir-se e decidir-se, sendo preciso escolher-se e para se escolher é necessário ter-se alcançado o valor o que tudo isto resulta **NA PRÓPRIA VIDA DENTRO DO PRÓPRIO VIVER!**

Porém, tudo isto é produto da razão e não satisfaz a alma por entender-se que existe **ALGO MAIS** que é ignorado e que a verdadeira sabedoria é mais que um apetite da alma do que a única resultante da razão e

se a vida encerra valores efetivos, contra valores efetivos não cabe a razão.

A vida não pode ser alcançada com técnica mecânica. As concepções científicas estendem uma rede e por dentro de suas malhas escoça-se, continuamente, **A REALIDADE DO VIVER.** Não basta pensar. Temos que sentir o nosso destino!

O destino expressa-se pelo imprevisto, o fatal, o irrevogável! Engendrar um ser é forjar um destino, criar uma visão!

A intuição nos demonstra que a vida tem um destino que não se rege por leis, que a sorte é a realização do destino humano e que ante a boa e a má sorte emudece todo o conhecimento científico, toda a definição.

O homem forma parte de um mundo cujos destinos estão infinitamente ligados ao seu, podendo comparar os acontecimentos fundamentais da natureza e da vida a um jogo de dados cósmicos e de magia. Em resumo: **A VIDA É SEGREDO E É ENIGMA!**

É um contínuo penetrar em uma selva densa que constitui este segredo e este enigma, através do saber, que é a manifestação da ciência da vida e de sua companheira inseparável que é a morte, sem dar a qualquer calculista, nem mesmo ao pensamento de um grande filósofo ou à imaginação bela e fecunda de um divino poeta a revelação deste enigma que se confunde no tecer e destecer da alma, sustentado pelo amor e pela dor humana, qual seja o VIVER NO CONTÍNUO MORRER VIVENDO!

E ao chegarmos a estas considerações só nos resta aceitar o VIVER como ele é e não como queremos que ele seja, até que um dia as luzes se apaguem, a cortina se feche com o término do espetáculo em que participamos como ator e espectador, pretendendo dar, em rápidas pinceladas e em corpo inteiro **A TRAGÉDIA DO VIVER!**

(Elementos coligidos por Ulysses Jorge Martinho)



REI DOS CARTÕES

Cartões de Visita - Convites de Formatura
Folhinhas - Calendários
Impressos em Geral
Serviços rápidos e perfeitos

RUA DR. TORRES NEVES, 514
FONE 6-7720

JUNDI HOBBIES
BRINQUEDOS
PEÇAS E DECORAÇÃO
TUDO PARA
PINTURA
E DESENHO
rosário, 660
fone, 4.3187

TAPEÇARIA

BRASIL

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6-5977

Os Matuiús

De pés virados, marcha avessa e rude.
Dedos atrás, calcâneos para a frente,
Ainda viveis, mentores sem virtude,
Que a verdade escondeis à vossa gente!

Sabeis, — e errais propositadamente.
Traidores nas lições e na atitude;
Ao coração o vosso exemplo mente,
Como no solo o vosso rasto ilude.

Pobre quem calca o vosso piso errado:
Em vez da Liberdade encontra um muro;
Pedindo a salvação, cai num pecado;

E acha em lugar da Glória o lodo impuro;
Para seguir-vos vai para o passado;
Por imitar-vos, foge do futuro!

O. BILAC

Já contei que minha vó se chamava Sinh' Ana? Pois contei. Quando nascia alguma criança ou criação, era ela quem dava o nome. E vinha meu pai, ou então meu avô, e dizia:

— A vaca fulana — dizia o nome dela — deu cria; ocê num qué vê a bezerra?

Minha vó já sabia qu'era pra dar o nome. Chegava lá no bezerreiro e olhava a tal e dizia:

— Buniteza! Vai se chamá tal e tal — nomeava o bichinho e meu avô já dizia o nome pra todo mundo saber.

Assim, tinha o boi "relojo", a vaca "brasi-nha", a "morena", o boi "sansão", a vaca "rute"... Boi era boi de carro, que o outro boi era o touro "saúde". De manhã o vó pegava o berrante pra chamar os bois de carro, contava-os e dizia:

— Tá fartando o "serrote", vá campeá ele!

E lá ia eu procurar o boi. Tinha doze bois de carro, caro custava reunir todos. Hoje faltava fulano, amanhã sicrano...

Era minha vó que dava nome pras crianças também. Só que nenhum nome pegava. Já e já se arranjava um apelido. Bonito, às vezes, como o meu, Barti, que as meninas gostavam — quase sempre apelidos feios ou desses qu'eram feitos pra tre-lê, pra bulir com os tais. Por exemplo: meu irmão Fernando era assim espreguiçador, andava c'os dedos dos pés em frangalhos, esborrachados no "trupicão" qu'ele andava arrastando no passo. Tropeçava fácil e lá tava ele pulando com um pé só, agarrando o outro co'as duas mãos. Molenga, meu pai sempre dizia:

— Quano eu tive pra morrê mando ele buscá a morte pra mim; num morro mais...

Advinham como era o apelido dele! Lesma. Se chamasse: Fernando! ele nem respondia. Só Lesma.

Outro irmão, o José, era rezador, gostava de ajudar a missa do mês na fazenda; no sábado limpava o sino no campanário, botava os paramentos no sol pra tirar a naftalina — uma vez a vaca comeu um pedaço, mas isto é outra estória. Sabia o latinório da missa na ponta da língua, até o Evangelho, a campanha da Consagração, passa o Missal pra cá e passa pra lá, tudo certo, inteligência misseira tava'li. Advinhe como era o apelido dele: Zé Padre. Hoje é padre mesmo, mas nem o Zé sobrou porque meus filhos o chamam de "tio padre". Tá. Tinha um pretinho de criação; era filho de um trabalhador que de vez em quando ficava com doideira, maluqueira, batia em todo mundo lá na casa dele e o Tiziu — apelido do pretinho — fugia pra nossa casa. Fugiu uma vez, duas, três, e depois foi ficando, ficando, ficou. De criação; isso aí. Gostava de pular c'uma perna só, a outra enrolada na uma, e o apelido cresceu: "Tiziu Saci". As meninas tinham apelido também, mas não vou contar, que já chega.

Uma vez a cadela "bordada", cachorrone de minha afeição, teve uma porção de cachorrinhos, dos quais só sobrou um que levamos pra minha vó dar o nome. Chegamos lá na varanda onde ela tava lendo o almanaque, que na roça só se lia livro de reza e almanaque.

Almanaque do Biotônico, do Capivarol, d'O Pensamento, do "Eu sei tudo". Este último tinha uma capa linda, com um homem andando em cima do mundo — uma bolona. Lendo o "Eu sei tudo" que tinha na capa a mesma figura, um homem andando... e o almanaque e o homem... a gente ficava "maginando" sem ver o fim do pensamento. Chegamos lá pra vó e dissemos:

— Ói vó que bonito! Ela olhou e acariciou o cachorrinho. Disse: — Vai se chamá "armanaque"!

Fomos para o terreiro; quando contamos pro Lesma, ele arrebitou o nariz:

— Chééé... armanaque! Peri, isto sim é qu'ê nome! Ficou Peri. Nome, armanaque; apelido, Peri.

Peri ficou um cachorro grandão desengonçado, engraçado, orelhonas caídas, buliçoso. Meu pai ensinou-o a caçar; mal ensinado, o tal ficou que nem doutor-sabe-tudo que não sabe direito. O Peri era onceiro, veadeiro, paqueiro, perdigueiro, era tudo; era nada. Meu pai dizia:

— Vamo caçá!

Pronto, o cachorro entendia, garrava a pulá, virava em volta que nem pião, correndo atrás do próprio rabo, alegria canina de fazer gosto. Meu pai pegava a espingarda e Peri já saía na frente, "amarrando" tudo — "amarrava" galinha choca no ninho, "amarrava" pintinho no terreiro, "amarrava" galinha d'angola no pasto, rolinha na estrada, ele mesmo "amarrava" e já corria atrás caçando por conta própria, não sei como não levou um tiro. "Amarrava" perdiz ou codorna e já pulava na moita.

De tardezinha meu pai voltava cansado, arma pendurada no ombro, o Peri na frente, todo pimpão. E minha mãe:

— Vé, cadê a caça?

E meu pai, desanimado:

— Peri num dexa, trapaia tudo! Dianho de cão!

Vosmecêis e s t a r ã o pensando agora: "Mas, que mal le pergunte, por que diacho ele levava o Peri então?" A resposta é simples: por causa dos matuiús. Eu conto: matuiú é u'asombração que anda de

dia no mato e ninguém vê. É protetor das caças, de todos os animais do mato. Sabe imitar o rasto de todos eles, mas tem sempre os pés virados prá trás. Quando precisa, sabe imitar o rasto até de gente. Quem segue o rasto de um animal, se é feito pelo matuiú, tá perdido; no seu rasto, sempre ao contrário, às avessas, se pensa que 'tá entrando 'tá saindo, se 'tá descendo 'tá subindo, se 'tá de chegada 'tá de partida, no fim do rasto vira corripira, passarinho que canta, encanta e ninguém vê, então desanimado, desesperado, desencantado, desenxavido, desandado, desenfundado, desaparece o caçador para um nunca mais, sumindo no rasto às avessas, virou matuiú.

Só há um jeito de não cair no encanto: é levar cachorro, qu'ele fareja o rasto e se é caça ele caça, mas se for matuiú ele fica arrepiado, garra a ganir e uivar e arrasta o caçador pra fora da mata: "Vamo meu sinhô, qu'ê matuiú, rasto de perdição", 'tá ele dizendo no seu uivo assustado. O caçador atendeu, 'tá salvo. É por isto que meu pai levava o Peri; é melhor não trazer caça nenhuma do que virar caça de matuiú, seguindo sem pisar errado.

Qué vê o que é matuiú? Contemos:

Nós tínhamos uma vaca chamada "marse-la", nome que lhe tinha vindo da sua cor branco-sujo-amarelado. Marcela era alongadeira, vaca alongada, fujona, se embrenhava no mato, a gente arava pra encontrar. Era varadeira também, não tinha cerca que a segurasse; pulava por riba ou se apoiava e passava por baixo, mas varava qualquer cerca. Por isto pusemos um cincerro no pescoço dela. Quando ela se alongava, pelo som do cincerro era mais fácil achá-la. Um dia Marsela não apareceu e o Lesma e eu fomos procurá-la. Andamos até não mais poder, seguindo seu rasto no trilho molhado do mato. E andamos. Por fim, lá no alto, escutamos o cincerro pra lá da quebrada — blem, blem, blem. Viramos a quebrada e o cincerro tiniu já longe no grotão:

blem, blem, blem. O Lesma parou. Olhou pra mim assustado e disse: — Vortemo! É matuiú!

Desabei na carreira e só paramos, que não tinha ar que chegasse, coração pulando no pescoço, uma dor aqui do lado que nem se podia mais andar, quando avistamos a casa. Chegamos a passo no terreiro e bebemos água na bica. Nisto escutamos — blem, blem — a Marsela. Levantamos a cabeça e ela, vaca desgranhada, 'tava aku bi benbão, comendo co'as outras no mangueirão! Lesma só oiô pra mim sem dizer nada mas eu entendi:

— Num disse qu'era mutuiutú?

Contamos pro meu pai. Aí veio o conselho: que nunca fôssemos longe, que quando não avistássemos mais a casa já era longe demais. Nossa segurança eram aquelas paredes cobertas pelo telheiro. Quando durante a noite o medo me assaltava eu me acalmava só de saber que doutro lado da parede 'tava meu pai no seu sono-acordado dormindo-vigilante, tarrocado na minha mãe qu'era só assim qu'ele dormia. Qualquer bulha insólita e 'tava ele já de pé, presteza tão grande, já meio vestido, caboclo sarado, "pé atrais, mão na faca, corisco no zóio!" que minha mãe reclamava daquele dormir mais abraçado, que lhe tolhia até se virá na cama, onde já se viu dormir deste jeito, despropósito, é até pecado! a brabeza da voz traída pela alegria estampada no rosto trigueiro, gostosura de abraço de noite-inteira! Que meu pai era assim, caipira machudo da sua muié só, pra sempre, amém, amoroso com nhá vó, co'as crianças, co'as criação.

Vosmecêis que me lêem 'starão pensando que isto de apelidos e de matuiú é potoca. Não é não. Ainda hoje, aqui mesmo na cidade, todo mundo tem apelido e tem matuiú — rasto virado pra trás — enganando todo mundo ali mesmo nas vereanças. Vereador com V grande é apelido de bom político e matuiú é apelido de vereador com v pequeno. Entenda quem quiser.

O BARTIMEU

O Instituto de Educação e os cursos profissionalizantes

Assunto da mais palpante atualidade neste encerramento de ano letivo, levou-nos a colher informes em torno de como vão funcionar os cursos profissionalizantes na forma da Portaria n.º 6, feita publicar pelas autoridades escolares.

Como é do domínio público, os alunos que completaram o aprendizado na 8.ª série do primeiro grau, passarão para o ciclo do segundo, quando participarão os chamados cursos profissionalizantes.

De conformidade com os esclarecimentos que obtivemos, no primeiro ano de sua matrícula os estudantes enfrentarão, por igual, as mesmas matérias curriculares, (educação geral), quaisquer que sejam as suas opções profissionais.

Ao entrarem para o segundo ano, então sim, passarão a receber ensinamentos teóricos e práticos sobre a matéria de sua preferência.

Os cursos funcionarão no Instituto de Educação Experimental, nos ginásios "Dr. Antenor Soares Gandra", "Ana Pinto Duarte Paes" e o Colégio Técnico ao longo da Via Anhanguera.

Como a ninguém é dado ignorar, o Instituto de Educação é o principal estabelecimento de ensino da cidade. Isso porque é o que reúne o maior número de matrículas e o que dispõe de instalações e áreas livres mais amplas. E não será com deslustre para nenhum dos demais, se afirmamos que é também o que aco-

lhe a elite da família jundiense, porque é, irretorquivelmente, onde se concentram os mais favorecidos da pecúnia.

Não obstante, é justamente ali que o curso profissionalizante vai ser ministrado no período noturno.

Constata-se, como se vê, uma berrante distorção na regra do senso comum, visto que, aqueles que dispõem de maiores recursos para se conservar afastados do trabalho, ipso-facto com o dia todo disponíveis, são justamente os que vão receber o ensino à noite.

E, com certa dose de pessimismo, podemos até acreditar numa debandada em massa caso não se leve em conta essa particularidade.

Vão, portanto, estas observações com vistas às autoridades escolares, si é que, por tardias e acarianas, já não foram objeto da sua cogitação. — C.

Como o DAE, a Telesp passa e os buracos ficam

Embora exista uma lei municipal que obriga as autarquias e concessionárias do Poder Público a reparar devidamente o leito das ruas, passeios e logradouros públicos, sempre que estes forem danificados para a execução de algum serviço, parece que não existe o mínimo interesse do Executivo em fazê-la ser cumprida. É muito comum encontrar-se ruas com trechos totalmente esburacados em virtude de serviços efetuados pelo DAE, na rede de água ou na de esgotos, sem que fosse em seguida recuperado o local da abertura das valetas.

No caso presente, que a ser relatado, não é o DAE o alvo da crítica, mas sim a TELESP — Telecomunicação de São Paulo S.A. Essa companhia arrebitou, recentemente, todo o calçamento dos passeios públicos na Rua do Retiro, para a colocação de novos cabos telefônicos,

deixando apenas cobertos de terra os buracos feitos para esse fim. Com o período das chuvas, os buracos estão se tornando cada vez maiores e mais fundos, impossibilitando o trânsito de pedestres ou ocasionando a queda de crianças e pessoas idosas que tentam passar pelo local.

Esse problema se apresenta mais grave nas imediações da fábrica de calçados Elbena, onde, devido à existência de uma bifurcação, o perigo para os pedestres é bem maior. Entendem os usuários das calçadas naquele local que a Prefeitura já deveria ter tomado alguma providência no sentido de corrigir essa situação, executando ela os reparos ou obrigando a companhia responsável a fazê-lo, uma vez que todos são contribuintes dos cofres municipais e têm o direito de exigir a retribuição, em serviços, dos impostos que recolhem.

Hidrômetros na base de troca

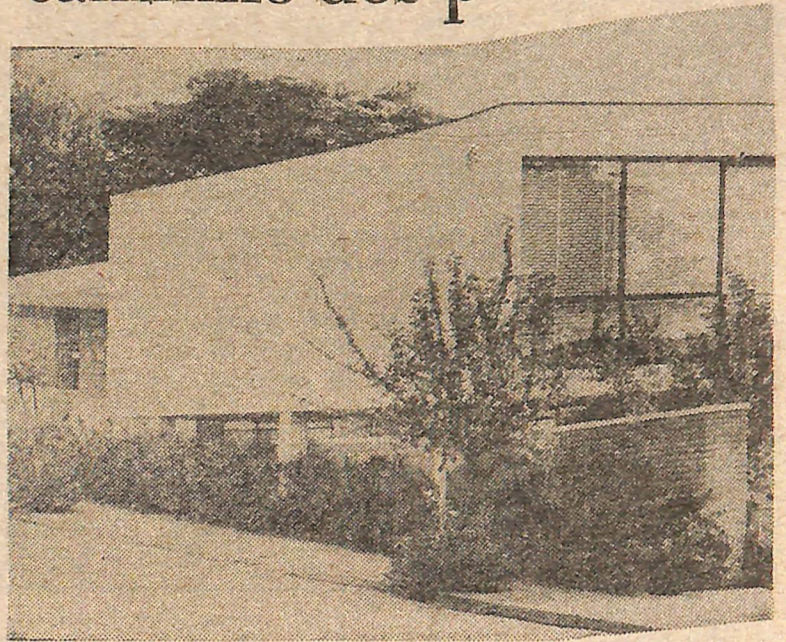
Já disse minha colega Célia de Freitas que o DAE não está pra peixes não. E acho, como aquariano, que não está também para balança, escorpião, sagitário, capricórnio, áries, touro, gêmeos, câncer, leão, virgem e também para o meu signo. Digo isto pela infinidade de relatos que tenho ouvido acerca da indiscriminada troca de hidrômetros que se vem fazendo na cidade, na marra, praticamente.

Já soube de chefe de família que ficou acordado a noite inteira para impedir que seu hidrômetro (novo) fosse trocado às escondidas, porque, de dia, quando o funcionário do DAE apareceu, ele não concordou com a substituição e o moço disse que voltaria nem que fosse de madrugada para realizar a operação. E de fato apareceu. Quase deu encrenca séria.

Outro dos meus informantes relatou que tinha acabado de receber o "habite-se" de sua casa, estando, portanto, com um hidrômetro novinho em folha, comprado na Casa Garcia por menos de Cr\$ 200,00, quando chegou a perua do DAE e desceu o funcionário incumbido da troca "porque o hidrômetro está com defeito".

Já me levantaram também uma porção de suspeitas sobre interesses escusos nessa troca de hidrômetros. Como não me puderam provar, não me meto a afirmar que se trata de corrupção. Mas que os hidrômetros retirados (com defeito, sem defeito, novinho em folha) estão sendo levados não-sei-para-onde, isso estão. (C.F.P.)

Um espinheiro no caminho dos pedestres



Há na esquina da rua Amadeu Ribeiro com av. Jundiáí (Anhangabaú) uma magnífica mansão de cujas grades está pendendo sobre a calçada uma formidável plantação de cactus. De tão crescida, essa plantação foi espalhar-se sobre a calçada, já chegando quase a alcançar a árvore existente sobre o passeio público.

Como o local é passagem obrigatória e diária de estudantes, trabalhadores e outros transeuntes, o espi-

neiro vem se constituindo num perigoso obstáculo, já se tendo conhecimento de crianças e uma jovem que se machucaram nele ou tiveram suas roupas rasgadas. A noite, principalmente, em face da má iluminação da esquina, o perigo é realmente grande. Os leitores do Jornal de 2.ª que têm enfrentado esse problema apelam a quem de direito no sentido de que determine a sua eliminação. Este, pelo menos, é o nosso ponto de vista.

Devastação da serra preocupa a Secretaria da Agricultura

Dois engenheiros do Instituto Florestal de São Paulo (órgão da Secretaria da Agricultura do Estado) deram início, na semana passada, a um levantamento sobre a atual situação da Serra do Japi, tendo em vista a sua preservação e defesa contra as investidas de especuladores ou destruição autorizada pela chefia do Poder Executivo municipal.

Os engenheiros florestais Sebastião Fonseca César e Marco Antônio P. Marcondes estiveram, terça-feira última, na Câmara Municipal, onde foram recebidos pelo presidente Carlos Ungaro e tomaram as primeiras informações acerca da denúncia feita recentemente pelo líder do MDB, Abdoral Lins de Alencar, de que a serra está sendo posta em perigo com a retirada de terra para as obras de constru-

ção de avenidas. Depois, indo conversar com esse vereador, autor do requerimento encaminhado ao governador do Estado, pedindo proteção para a serra, os dois profissionais inteiraram-se dos detalhes do problema e marcaram para a quinta-feira uma visita ao local indicado. Com os dados colhidos em suas entrevistas e nessa excursão, eles deverão preparar um relatório com sugestões para se solucionar o problema.

Parece que a solução será a Prefeitura declarar de utilidade pública o restante da faixa situada dentro do município (uma gleba já o foi, no Governo Walmor), para que assim nenhum especulador lá ponha as mãos ou vá qualquer firma explodir dinamites ou retirar terra para satisfazer sua ganância de lucros.



LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL
VIA ANHANGUERA, KM. 72



Plantão

Casa de Detenção, 5.948 presos, maior presídio da América Latina. Dentre todos esses prisioneiros, aqueles que ali estão por porte ou tráfico de entorpecentes aparecem em segundo lugar na classificação criminal.

De acordo com as últimas observações feitas nesse sentido, a maconha lidera o mercado consumidor a uma taxa de ingresso de 75% em relação aos 25% de cocaína e outros estupefacientes depressores — tipo ópio e barbitúricos, ou ativadores da mente como messalina, LSD e psicotrópicos.

A essa altura, importante definir o que vem a ser droga. Ou seja: trata-se de substância que tem efeito sobre o corpo ou a mente. Depender delas é um estado de "necessidade" psicológica, física. Ou ambas, decorrente do uso crônico, periódico ou contínuo da droga.

Tem sido observado, ainda, que as drogas se transformaram em "onda", especialmente entre os jovens. Seis fatores têm sido apontados como principais

para que se possa entender essa disseminação do vício: 1) a crença generalizada de que a Medicina pode resolver magicamente todos os problemas; 2) a quantidade de jovens insatisfeitos ou desiludidos ou que perderam a fé no sistema social vigente; 3) a tendência de pessoas com problemas psicológicos de procurar soluções fáceis através de substâncias químicas; 4) a facilidade de acesso a vários tipos de drogas; 5) o desenvolvimento de certas possibilidades econômicas que permitem a compra de drogas; 6) as declarações de alguns proselitistas que proclamam o "valor" da droga.

Na conceituação de um professor americano, que participou — no ano passado, em São Paulo — do 1.º Congresso Internacional sobre o Uso de Tóxicos pelos universitários, o marinheiro Popeye foi apontado como símbolo de uma sociedade que utiliza recursos mágicos, à procura da solução de seus problemas: nos quadrinhos, Popeye come espinafre para

ficar superforte; na vida real, muitos dependem física ou psicologicamente da droga.

Em nossa legislação (Código Penal, artigo 281) são enquadrados na mesma condição o viciado e o traficante. Alguns entendem que o combate aos entorpecentes, entre nós, é muito reduzido à fase policial. E que, na verdade, o problema da droga é mais um problema de saúde do que de polícia.

Um promotor de São Paulo, Carlos Brisola (9.ª Vara Criminal) comenta:

— A Polícia só aparece na hora da repressão. É claro que a parte policial é importante, principalmente no combate internacional do tráfico, e o Brasil é trampoline nesse tráfico.

Na opinião desse promotor, que participou de vários congressos internacionais de criminologia e é especializado no problema dos entorpecentes, "é importante ressaltar que aos traficantes internacionais não interessa que a droga permaneça aqui":

— Ela sai daqui — diz

ele — e vai para os centros ricos. Sai da Turquia, muitas vezes, passa por Marselha (Sul da França) e depois rumo para os Estados Unidos. Por aqui, passa muita cocaína vinda do Peru e da Bolívia. No Brasil, consome-se uma droga de pobre, a maconha.

De qualquer forma, o problema dos entorpecentes é cada vez mais preocupante. Segundo uma estimativa feita recentemente em São Paulo, haveria na cidade cerca de 800 mil viciados, entre os quais muitos na faixa da terrível dependência física — alterada a química do corpo, este exige o consumo da droga. E para consegui-la?

Evidentemente que não será um cidadão comum o fornecedor da maconha. Então, o dependente se vê obrigado a sair do círculo de suas amizades normais, para se ligar com outro tipo de pessoas. E assim, muitas vezes sem perceber, acaba penetrando no submundo do crime.

PERCIVAL DE SOUZA



ETCÉTERA

Protestos, no jornal, contra as cenas de alcova mostradas no capítulo final da novela Gabriela. Como se sabe, crianças nascem atrás de repolhos.

Ronald Reagan, ex-canastrão de Hollywood, atualmente canastrão político, candidata-se à presidência dos EUA. Infelizmente, Zeppo, Harpo e Groucho Marx já não podem fazer o mesmo.

Grande campanha de coleta de sangue será realizada em Jundiá, em novembro. Contribuintes do Imposto Predial e Territorial estão dispensados do nobre gesto doador.

Francisco Franco caudillo de Espanha, recebeu a extrema-união. Não há indícios que o mesmo tenha acontecido às suas idéias.

Grande marcha sai de Casablanca para invadir o Sahara espanhol. Humphrey Bogart, embora convidado, não poderá comparecer.

Gerald Ford, por um lapso, brinda Sadat, cha-

mando-o de presidente de Israel. Acredita-se que jogar rugby prejudique as atividades psico-motoras, tais como descer de aviões e coordenar idéias.

Relatório da SIP conclui que não há liberdade de imprensa nas Ilhas Falkland.

Relatório da CPI das multinacionais conclui que elas não oferecem perigo à economia do País. Não se conhecem ainda as conclusões das multinacionais sobre os países que oferecem perigo às suas economias.

Wilson Simonal volta à vida artística com show na boate Beco. A vida artística, por sua vez, retirou-se indignada.

Preocupadas com o baixo nível dos programas de TV as autoridades pedem às emisoras que tomem medidas. Ato contínuo, cedem ao empresário Senhor Silvio Santos Abra-

vanel a concessão do Canal 11, do Rio. As emisoras, confusas, pensam em mudar de atividade. Passariam a vender carnes.

Fontes ligadas à princesa Caroline de Monaco desmentiram categoricamente que ela pretenda mostrar tudo no próximo número de Status.

Por considerar o filme atentatório à moral e aos bons costumes, a Censura Federal proibiu a exibição de "O Último Tango em Paris" em todo o território nacional. "O Roubo das Calcinhas", ao contrário, recebeu certificado de exibição obrigatória.

Dizendo que não pretende voltar à política, o ex-presidente Richard Nixon prepara-se para voltar à política.

Irritado com os últimos acontecimentos, o vereador

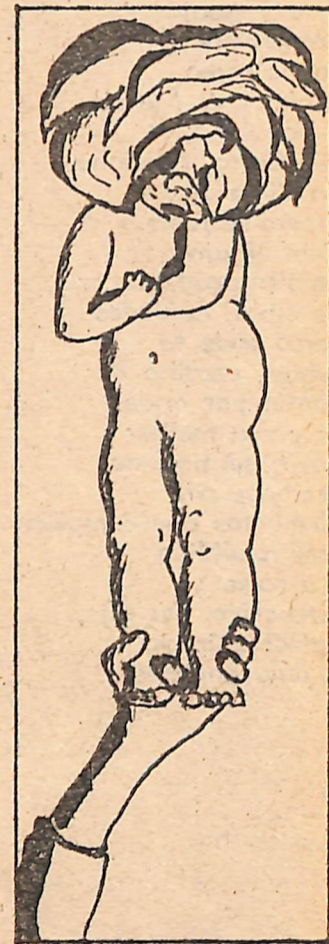
oposicionista Ronaldo Girolla, do MDB, subiu à tribuna da Câmara e exigiu que se dê maior apoio ao halterofilismo.

Integrado a respeito das perspectivas do novo futebol brasileiro com relação à possibilidade da conquista da Copa do Mundo, em 1978, o jogador Cláudio Adão, que retornava do México com a medalha de ouro, disse: "De quanto é o bicho?"

Isabelita Perón reassume o Governo na Argentina. Não há o menor indício de que o Governo tenha sequer notado.

Alguns prefeitos, segundo notícias dos jornais, têm sido afastados de seus cargos, em várias cidades do País, por causa da chamada improbidade administrativa. Já outros não.

SANDRO VAIA



PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SIRIOS
Pratos Árabes

aberto até às 4.00 hs.
da manhã

IBEDI
ADI

rosário 239 - 4-2669

67⁸ 75
ANOS



CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n.º 578
8 andar - conjunto 801 - C

Anúncios Classificados

O JORNAL DE 2.ª

está criando
uma seção de
classificados.

V. quer participar?

Ligue-se conosco:
Telefone: 4-2759

O que vocês fazem em Jundiaí?

Eis o Jornal de 2.^a entrando numa verdadeira república.

A atmosfera é das mais sombrias. Para nós, não habituados a estas sutilezas. Uma longa escada, uma porta semi-cerrada, uma pessoa indistinta à soleira, com um ar de quem nada tem à acrescentar ou perguntar. Não se veste de modo especial e sabe disso, talvez por ser a hora do almoço. Esta república, agora passamos às explicações, existe para abrigar os estudantes de medicina. Estamos em Jundiaí. Isto não é novidade. Mas este estilo de vida não nos é familiar. Por isso insistimos. As paredes estão forradas de cartazes, dos inúmeros espetáculos que esse pessoal proporcionou, coisas como Vinícius de Moraes e Toquinho, Gal Costa, Paulinho da Viola etc. Espera-se mais. Com alguma ambientação, piscar de olhos, cuidados como onde se sentar, escolha de pontos por onde se possa melhor ouvir, sentimo-nos cercados por elementos que compõem esta república e a coisa se estabelece. Ou seja, damos a início a uma entrevista.



Chico, o presidente, e seu séquito

Amoribunda, ao meio-dia

J — Estamos na república do Líbano ou como se chama este lugar?

r — É a república Amoribunda. Somos terceiro-anistas e pertencemos ao Diretório Acadêmico Afonso Bovero, da Faculdade de Medicina de Jundiaí.

E a coisa realmente se estabeleceu. Respiramos aliviados.

J — Muito bem, o sr. presidente com a palavra.

r — Meu nome é Francisco Eduardo Preti, 1,72 de altura, olhos verdes e bem disposto.

— Sou vice-presidente, José Vicente Félix. Altura não precisa mencionar, 23 anos, solteiro.

J — Todos solteiros?

Sim, são todos solteiros. Estão no Diretório até novembro e não vão tentar a reeleição. As causas são inúmeras. Querem dar chance aos demais, sabem que têm uma oposição, regimentalmente poderiam, se trocassem os cargos, mas vão procurar não influir na nova eleição.

Existe no ambiente uma alegria natural de que tem, como eles uma média etária de 23 anos. São quase todos de outras cidades, mas sabem coexistir com os dois membros desse diretório que são jundiaenses. Gostam deles, bebem com eles e os fazem convidados para suas horas, e essas são muitas, de beber e conversar.

Vladimir, com V, Landi, primo distante do corredor-herói, usa um imenso bigode, senta-se perto do 2.º secretário. Perto tem um violão, que para esse jornal é mudo. O Chico, presidente, esclarece que esse Diretório deve ainda ser registrado em cartório, e será, como uma das metas da atual diretoria. O Chico é sempre chamado a esclarecer certos fatos. Por exemplo como a cidadania jundiaense, estariam eles pretendendo alguma coisa nesse sentido? Ele nos

explica que a sensação de estarem vivendo em Jundiaí é agradável, apesar de saber que muita gente aqui não dá a devida consideração pelo fato de ter, de possuir uma Faculdade de Medicina na cidade.

— Pouca gente sabe que nós pagamos Cr\$ 933,00 como mensalidade. Isto corresponde a 2/3 da receita da Faculdade. A população se ressentida de nossa presença, mas acho eu que isto advém de má informação. Eles talvez não saibam que a gente é bem tido, como Faculdade, pelo MEC, o Ministério da Educação. Dizem que somos a melhor Faculdade do Interior. A Faculdade, isto dito pelos médicos mais antigos, elevou o padrão profissional da cidade. Isto são coisas que devem ser levadas em consideração, não importa como. Os professores vêm para cá, muitos em consideração ao dr. Jaime Rodrigues e alguns em busca de títulos, mas todos ganham quantias irrisórias.

— Estas são as explicações pessoais de Chico, tangidas pela objetiva do Picoco, que quer situar o problema da vida desses estudantes, dessa Faculdade em Jundiaí. E aqueles que estudam nela, segundo se sabe, sentem amor pela escola. E esse amor é uma tônica mesmo entre os professores. A primeira turma, posta em residência no Hospital das Clínicas, as dificuldades todas vencidas, tudo isso leva a crer que, no íntimo, a Faculdade existe em Jundiaí.

A conversa passa à fase das comparações, de como outros povos, de outras cidades se orgulham de possuir tal Faculdade, tal nível de ensino. E isso o Chico acredita que deva algum dia acontecer aqui também. Mesmo porque, cada vez aumenta mais o número de estudantes de fora, que uma vez formados, querem ficar na cidade.

A Faculdade: federal ou municipal?

Isto tudo é visto sob o amplo espectro da federalização das faculdades, já que o trânsito de alunos é enorme, em quase todas as escolas do Brasil. Isto posto, estuda-se, durante esta prosa, a autarquia municipal como mantenedora dessa escola e os reflexos desse fato na vida da cidade, como um dado microeconômico. O resultado disso, a curto prazo, é a estranheza natural de um povo, o jundiaense em geral, que provoca nesses estudantes a incômoda sensação de serem marginais de uma sociedade formada até então, sem esses dados culturais introduzidos agora pela Escola.

Sabe-se que na ocasião da implantação da Faculdade, ninguém se preocupou em fazer um trabalho de relações públicas, no sentido de explicar ao povo o significado da escola.

Na ocasião, o município não tinha condições econômicas para montar tal esquema. O custo é muito elevado. Por isso, as pressões políticas foram inúmeras. Ela nasceu de sucessivas desapropriações. E daí foi antipatizada, fato consumado pelos primeiros vestibulares, para formação da primeira turma.

Poucos jundiaenses entraram, não tinham preparo, ou os que tinham, conseguiam ingresso em outras faculdades já estabelecidas. No meio profissional, esse fato foi encarado com naturalidade. O meio médico jundiaense acabou absorvendo a idéia de coexistir com a escola.

Outros hospitais foram imediatamente criados e o campo se alargou. Mas o aluno que entra no primeiro ano, aqui, naturalmente ignora todo esse problema.

Muitas vezes, conforme foi explicado, mal sabem onde fica a escola. Outros problemas aventados foram as dificuldades que esses alunos encontraram em arranjar alojamento na cidade. Como criar uma república? Como morar, de forma digna, para um estudante, e esta forma digna se resume em alugar uma casa, em grupo, para baratear o custo da permanência, do início de vida e estudar, acionando o mecanismo já bastante conhecido, da vida universitária? A cidade se retraiu. Ou aumentou violentamente o aluguel, o que inflacionou o mercado.

Outro fato aventado foi o da concorrência desleal exercida por esses novos elementos no mercado casadoiro da cidade. Os namoros se concentraram nesses futuros médicos e a procura se localizou nessa nova oferta, ocasionando uma repulsa pelos aborígenes, natural, que se sentiram inferiorizados.

O almoço estava sendo ruidosamente preparado na cozinha. Algumas meninas, alunos da escola, entravam e saíam, conversavam, paralelamente, acertavam detalhes da prova havida pela manhã, acertavam outros detalhes, iam à cozinha e saíam novamente. Estamos no oitavo ano de existência dessa escola. O Diretório Acadêmico, assunto básico tratado nesta história, partiu para tentar desbravar esses caminhos. A criação da Atlética, a entidade anexa responsável pelo esporte da Faculdade, conseguiu maravilhas. Fora de Jundiaí. E divulgando a cidade.

Nos clubes locais, explica o Chi-

co, não foi criada ainda a categoria de sócio-universitário, coisa comum em outros centros, o que dificulta, não só a vida social do estudante, como também a vida desportiva. Por isso, num esforço de entrosamento, eles partiram firmes para a Olimpíada Universitária e parece que ganharam, senão em todas, pelo menos no cômputo geral dos resultados. Esse fato reforça a necessidade da extensão das atividades dos demais diretórios acadêmicos da cidade? A resposta vem firme e afirmativa. O universitário deve viver a escola, já que ela vive dele. Eles procuram um entrosamento:

— Chegava o sábado de manhã, a gente queria pegar o Cometão e, sinceramente, sumir da cidade. Depois, com o tempo, a gente foi ficando. O relacionamento mudou bastante. Começamos a apresentar esses "shows", trazer o Vinícius, o Paulinho da Viola. E tudo isso no Balaio, assim como a Festa da Cerveja foi feita na Esportiva, sem que fosse um clube social.

Naturalmente foi lembrado que a cidade não dispunha de um aparelho capaz de resolver esses problemas, nem mesmo de alguém disposto a enfrentá-los. Claro que esses alunos estão cavando um espaço e pagando um preço alto por isso. A definição de cidade, Jundiaí, sai espontânea: é uma mistura de Interior com Capital, sendo que ela tem tudo de ruim de uma capital, pelo isolamento, e o retraimento de mentalidade do Interior. Ou trocando, com todas as inconveniências de uma capital e as poucas conveniências de Interior.

Não tem um teatro, uma casa de espetáculos, cine-clubes, reuniões literárias, biblioteca, bares característicos, reuniões onde se encontrem, na maioria, estudantes, ou mesmo uma cantina, na própria escola, onde possam comer, sentar e conversar.

A vida, nas repúblicas, às vezes, não satisfaz. Sobra sempre, por necessidade, desde que se encare o estudo como uma forma de trabalho, um tempo para lazer, ou descanso, ou, para a cidade, um tempo para estudo, que também é uma forma de vida.

Ao lado desses problemas, a Faculdade enfrenta ainda o desaparelhamento de um hospital-escola à altura. Disjunções administrativas têm levado esses alunos a verdadeiras peregrinações, para cumprir seus períodos de internato, que agora está se concentrando no Hospital São Vicente de Paula, com exceção de duas cadeiras que ainda se movimentam.

A intenção deles, em todo caso, é a de trazer para a cidade tudo aquilo de que um universitário necessita para viver. Os próximos "shows" estão sendo programados, muitos alunos estão com sérias intenções de permanecer aqui, casando-se e, pelo jeito, toparam um mútuo acordo: a cidade digere a Faculdade e eles digerem a cidade, guardadas as devidas proporções. Todos os convites foram feitos, o JORNAL DE 2.ª se abriu, no sentido de abrigar todas as reivindicações, e saímos em paz, respirando o ar quente da tarde, sem que nos fosse formulado convite para almoçar com eles, mesmo porque ninguém conhecia o cardápio. De uma república, tudo se espera.



Eduardo de Souza Filho e Picoco entrevistaram

O "ROSA" DEU SEU EXEMPLO

O III Encontro de Artes do Colégio Técnico "Prof. Luiz Rosa" traduziu-se, sem sombra de dúvida, num dos mais importantes acontecimentos culturais que se registraram em Jundiá neste segundo semestre de 1975. Mais do que isso, foi um exemplo cristalino do muito que se pode realizar no campo das artes plásticas, da literatura e do teatro, contando-se com a sempre boa disposição, arrojo e sinceridade de propósitos dos

estudantes e professores de nossas escolas.

O que faltou, talvez, para fazer mais notado esse exemplo, tenha sido uma divulgação mais ampla, falha essa que, de resto, infelizmente, se tem evidenciado em quase todas as promoções de caráter cultural que não levam a chancela do poder público municipal.

O despreendimento da equipe do Teatro Estudantil Rosa, demonstrado em todas as oportunidades em que é chamada a atuar,

faz ver — e isso já foi dito na edição anterior deste jornal — que foi das mais acertadas a atitude da direção do estabelecimento, mandando construir um miniteatro para os seus ensaios e representações. E essa dependência da escola é a que tem sido mais concorrida, toda vez que o Rosa patrocina promoções do gênero da que se assistiu no período de 23 a 26 de outubro último.

O comparecimento do escultor Edison Luis Fa-

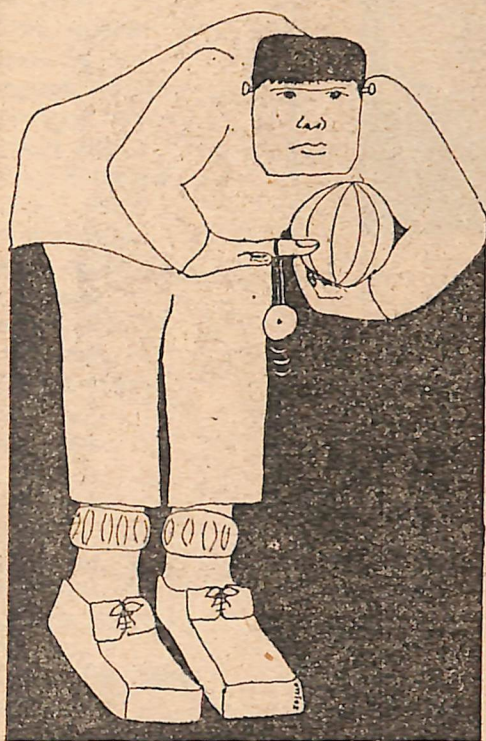
gundes de Castro e outros conhecidos artistas de nossa cidade, participando das exposições, por si só demonstra o alto prestígio angariado pelo "Encontro" ao longo de apenas três anos de realização. O TER, com sua peça "Viva o Amor", representada três vezes no período, demonstrou uma excelente performance, agradando bastante ao público que compareceu à sala de espetáculos.

A exposição de artes plásticas foi coordenada

pelas professoras Mercedes Cruanes Rinaldi e Maria Angela Dias; a de Literatura por Walter da Silva Barbosa e Devanei Costa; a de Publicidade e Marketing por Vanderlei Negro e Maria Angela de Oliveira Ferrazzo; a de Fotografia por Maria Angela e Sidney Munarin; Artes e Artesanato pela professora Neide; e Teatro por Ulisses Nutti Moreira. O som esteve a cargo de José Luis de Oliveira Fagundes e Sérgio Tadeu Tavares.

CINEMA

O NETO DE FRANKENSTEIN



Com a reconstituição visual das melhores cenas de filmes de terror dos anos 30, Mel Brooks, o fascinante e genial diretor de "O Jovem Frankenstein", cartaz atual do Cine Bristol, em São Paulo, narra, de maneira inteligente e hilariante, as aventuras do neto de Frankenstein, um professor-cientista prafrentex, mas tão prafrentex que, seu único e maior medo, é ver seu nome confundido com o mito de seu avô supermaluco. Apesar de sua relutância, o neto "avançadinho" de Frankenstein, acaba cedendo ao seu irresistível apelo íntimo, e, acaba atraído ao castelo da Transilvânia, onde retoma nos laboratórios, de seu avô maluco, as mesmas experiências do velho.

Estrelado por Gene Wilder e Madeline Khan (a atriz que mais "Oscars" recebeu no ano passado), "O Jovem Frankenstein" é um prato cheio para os apreciadores dos clássicos filmes ingleses de vampiro, podendo ser considerado uma pequena obra-prima de originalidade, sátira e bom humor. Você não deve perder.

As monjas de Sant'Arcangelo

A exemplo de "Monja de Monza", filme de Visconti, "As Monjas de Sant'Arcangelo", de Domenico Paolella, em cartaz nos cinemas Marrocos, Barão, Augusta e Gazetão, em São Paulo, também se baseia numa história verdadeira, acontecida em 1577, no convento de Santo Arcangelo (Reinado de Nápoles).

Como se sabe, nos séculos 16 e 17, as jovens aristocratas da época eram vítimas indefesas de pais que, pelos motivos mais absurdos e pelas razões mais sórdidas, enclausuravam suas filhas num convento, para "servirem a Cristo". Para tanto, qualquer coisa servia de motivo para suprir uma ver-

dadeira vocação religiosa: o impedimento de um casamento indesejado pelos pais; o enriquecimento da Igreja; recurso para deserdar etc. O resultado, como sempre, era um convento povoado de mulheres frustradas, carentes de afeição, solitárias, infelizes, angustiadas, vivendo num clima que, via de regra, conduzia à loucura.

Em "As Monjas de Sant'Arcangelo", Domenico Paolella, o famoso diretor, narra, com extrema habilidade, o drama de três feiras em luta trágica para ocupar o cargo de abadeza, vago depois da morte da madre superiora, o qual, naquela época, era comprado, contratado ou trocado por outros pri-

vilégios que a família das interessadas pudessem oferecer.

O filme trata de um tema tão delicado como escabroso e trágico, tratado (infelizmente), com pouca sobriedade e respeito por Domenico Paolella, visando, muito provavelmente, mais a parte comercial do que o relato histórico das reclusas que não renunciaram verdadeiramente ao mundo, da arrogância dos poderosos da Espanha da época, e de uma Igreja sem noção de sua verdadeira missão.

Para os amantes de teologia, estudiosos de religião, apreciadores da História, o filme acrescenta bastante.

Célia de Freitas

Paulo Gracindo dá "furo" ao J. 2.a

O grande ator Paulo Gracindo, amigo e leitor do JORNAL DE 2.a, contou-nos, em primeiríssima mão (para furarmos todos os jornais brasileiros), que o seu próximo espetáculo teatral será a montagem de um "show" musical focalizando as composições de Ary Barroso na voz de Clara Nunes e com ele próprio declamando uma seleta de crônicas de Sérgio Porto, o imortal Stanislaw Ponte Preta.

Enquanto seu atual espetáculo "Brasileiro, Profissão: Esperança" continua carreira normal no Teatro Aquarius — focalizando um pouco da vida

e da obra de Dolores Duran (compositora) e Antonio Maria (cronista e compositor) — Paulo Gracindo está selecionando com todo o seu carinho e bom gosto o melhor da obra do Lalau Ponte Preta como cronista e o que há de mais importante na obra musical de Ary Barroso.

Gratos pelo furo, Paulo Gracindo. De nossa parte, no mesmo dia (e na primeira sessão) em que você estrear o novo "show", lá estaremos furando qualquer fila para assisti-lo e aplaudi-lo na primeira fila.

(Célia de Freitas)

DISCOS

Noel interpreta Noel

O 12.º LP da série "Ídolos da MPB", que a Continental acaba de lançar na praça, tem o título de NOEL ROSA. Nesse disco, produzido por J. L. Ferrete, a grande novidade são as seis faixas onde o poeta da Vila Isabel aparece cantando suas próprias composições, por sinal as menos conhecidas e divulgadas. Entre elas, destacam-se "Gago Apaixonado", "João Ninguém", "Onde está a honestidade" etc. Esse disco vem provar, para quem ainda não sabia, que o talento de Noel Rosa não se limitava a compor sambas antológicos sobre a vida, o cotidiano do Rio de Janeiro. Noel Rosa revela-se, nesse precioso LP, um intérprete bastante razoável (ritmo, voz, bossa, molho) de seus sambas. A faixa quente, contudo, é o samba "Positivismo", que Noel compôs de parceria com Orestes Barbosa (autor de "Chão de Estrelas"), cujos versos são inspirados na filosofia de Augusto Conte, criador da filosofia positivista.

Já pensou a delícia que é ouvir Noel Rosa cantando um samba erudito que começa assim?

"A verdade, meu amor, mora num poço... / É Pilatos lá na Bíblia / quem nos diz / E também faleceu / por ter pescou / (o infeliz) autor da guilhotina de Paris... /

Compre, ouça, curta adoidado porque... sem comentário. Tá?

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RÁPIDOS E SEGUROS

HIDROTECNICA
projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

MUDANÇA?

IRMAOS VIEIRA
TRANSPORTAM MELHOR

FONES: 4-0229 - 6-5086

DISTRIBUIDORA KINHO

FRIOS E LATICÍNIOS EM GERAL
ATACADO E VAREJO

nery aparecido rodrigues

rua marechal deodoro n. 282 fone 6-7521

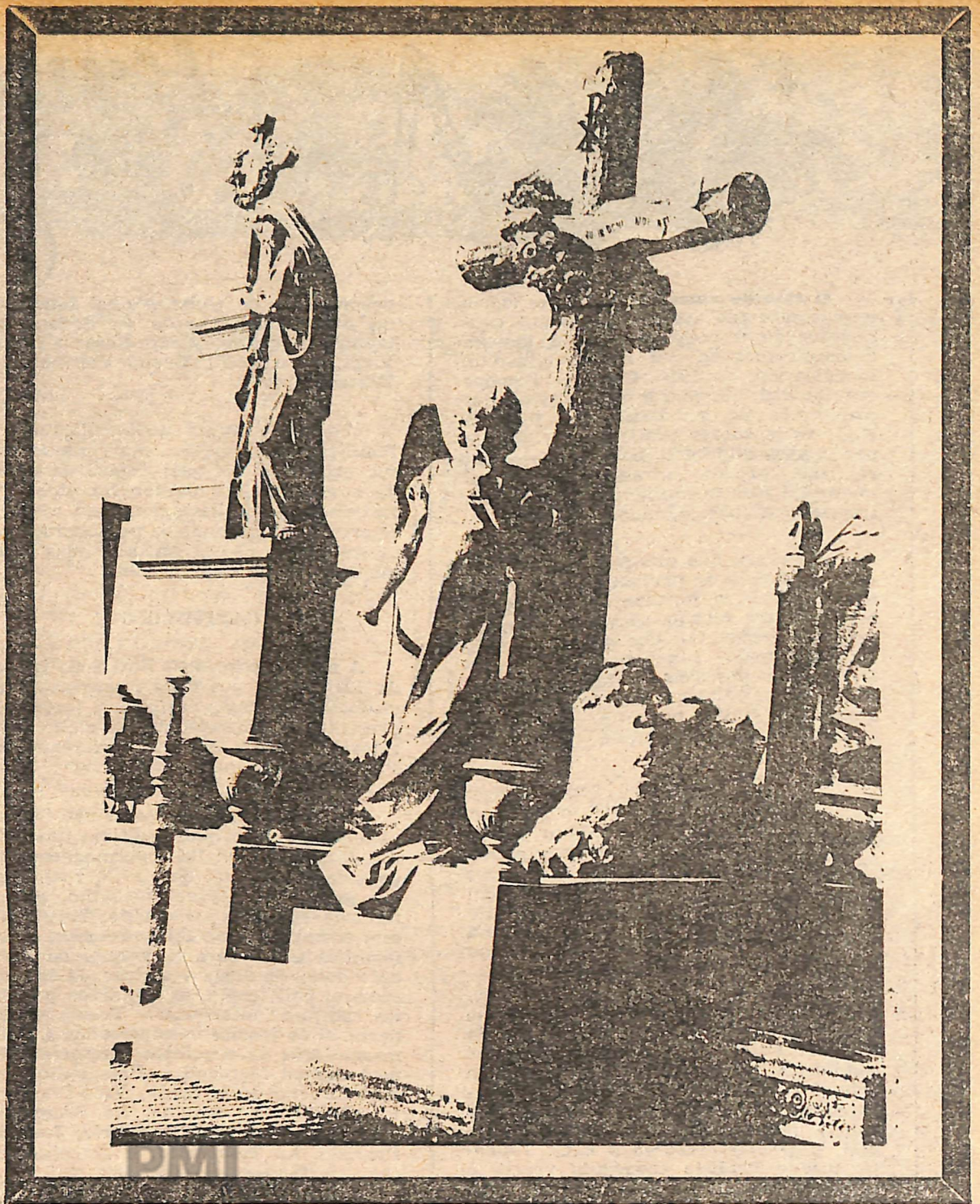
CONCERTOS
DE
TV, RÁDIOS
E TAPES

ELETRÔNICA
ANZOLIN

rua marechal, 533
telefone: 6-7683

Cemitérios, uma história que ainda não foi contada

Faltam ainda várias informações para um total esclarecimento da história do Cemitério Municipal de Jundiá, visitado nesse último fim de semana por dezenas de milhares de pessoas aqui residentes ou vindas de outras localidades. Muitos dos documentos que poderiam elucidar, por exemplo, a questão da fundação desse cemitério, foram destruídos (por estarem muito "velhos") ou extraviados. Regina Dragica Kalman, bacharel em Ciências Sociais, apresenta aqui um relato do que conseguiu apurar numa pesquisa acerca da história do nosso principal cemitério.



PMI
UGC - AH

O Cemitério Municipal de Jundiá, que por muitos é conhecido como Cemitério da Saudade — embora jamais tivesse recebido oficialmente tal denominação — foi durante longo tempo o único de toda esta região, sendo ali sepultados, por isso, os mortos de Cabreúva, Jacaré, Itupeva, Louveira, Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Jarinu, Caxambu e outras localidades, várias delas então ainda incorporadas ao Município de Jundiá.

Não se sabe ao certo quando foi inaugurado esse cemitério. A não ser em uma carta do Cônego Estanislau J. S. de Queiroz, que se acha em poder do historiador Alceu de Toledo Pontes e diz que o referido cemitério foi beno em 12-1-1872, desconhece-se outro documento que faça alusão à possível data de sua fundação.

A epidemia ocorrida nos fins do século XIX, quando o cemitério local se situava no Bairro do Anhangabaú, talvez tenha apressado a construção desse atual. O livro Tombo n.º 1 da Igreja Matriz, onde poderia se encontrar anotações oficiais sobre a data de sua fundação, ao que se informa foi extraviado em 1868. Por outro lado, há nos livros da Cúria uma citação do Cônego Estanislau relativa ao Cemitério de São Bento já no ano de 1839, não se sabendo se ela se refere ao antigo ou ao novo cemitério.

Os outros cemitérios "populares" que se sabe terem existido em Jundiá localizaram-se na área onde se encontra hoje a Praça Dr. Domingos Anastasio, na atual Praça Governador Pedro de Toledo e nas vizinhanças da antiga Igreja S. do Rosário, onde atualmente se acha localizado o Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa". Consta

que esses locais não eram propriamente "cemitérios", mas apenas o lugar usado para sepultamento de pobres e escravos, por estarem localizados próximo das igrejas. De qualquer forma, quando de escavações feitas nesses locais, encontrou-se nelas grande quantidade de esqueletos humanos.

Consta, por outro lado, que o começo da maioria dos cemitérios distantes da cidade ocorreu em virtude das grandes epidemias. Ao que tudo indica, também o Cemitério Municipal de Jundiá teve sua origem ligada a esse fenômeno, pois foram muitas as epidemias do século XIX, principalmente as de variola.

Os livros existentes do cemitério datam de 1891; portanto, são posteriores ao decreto-lei que regulamentou a formação dos cemitérios, qual seja o de n.º 789, de 27-9-1890. Segundo depoimento de funcionários da Prefeitura e da Delegacia de Polícia, foram queimados muitos documentos e livros considerados "velhos" para serem guardados.

A partir de 14-1-1891, assinado por Jacinto Franco de Lima, administrador na época, os livros do Cemitério passaram a ser regidos pela Câmara Municipal, já que ainda não existia a Prefeitura (esta surgiu somente em 1905).

O Cemitério Municipal de Jundiá passou por várias reformas, pois a sua entrada principal, no início, era a atual porta que dá para a rua Barão de Jundiá. E' essa a parte mais antiga do cemitério, onde se encontram também os personagens que mais se destacaram na vida pública da cidade no século XIX e início deste.

A primeira reforma feita foi em 1938, pelo então prefeito Manoel Aníbal Marcon-

des, que construiu a atual capela e o atual principal e aumentou a parte da frente do cemitério. Na primeira gestão do prefeito Vasco Venchiarutti (1948-51) foram pavimentadas as avenidas internas do cemitério. O prefeito Luiz Latorre (1952-55) aumentou as quadras 8-A, 12-B, 15-A e 20-A. Vasco Venchiarutti, em sua segunda gestão como prefeito, aumentou mais quadras, quais sejam as de n.º 38 a 43. Já o prefeito Omair Zomignani cuidou do calçamento da parte aumentada pelo seu antecessor. Depois, na gestão do prefeito Pedro Fávaro, foram introduzidas as câmaras frigoríficas e aumentadas as quadras de n.º 44 a 47. Nesta época, devido à superlotação do cemitério — que se tornou um problema social —, começou-se a pensar na criação de outros, vindo a surgir o Cemitério Municipal N.S. do Desterro, no Jardim do Lago, iniciado na gestão Pedro Fávaro e concluído na de Walmor Barbosa Martins, bem como o Cemitério Parque dos Ipês, um empreendimento particular do grupo liderado pelos senhores Nils Lerbach, Pedro Ribeiro, Virgílio Torricelli e Tranquilo Sacramoni. Por último, ainda na gestão Walmor, criou-se gavetões nos muros do cemitério central para aumentar sua capacidade de enterramentos.

PARTE ANTIGA

O centro do cemitério, quando de sua fundação, era o portão que fica à esquerda do portão principal, com frente para a rua Barão de Jundiá, onde então existia uma capela, que mais tarde foi demolida. Nessa parte é que estão sepultadas as pessoas de maior projeção naquela época, sendo os túmulos, em sua maioria, bastante suntuosos, construídos que

foram com mármore vindo de Carrara. Alguns são simples, outros apresentam magníficos trabalhos de escultura. As inscrições aparecem quase sempre esculpidas no próprio mármore, sejam em alto ou baixo relevo.

Não há quadras propriamente para classes sociais, embora realmente sobrevivam os túmulos perpétuos, dificultando uma manifestação concreta a esse respeito. O mausoléu de Francisco Queiroz Telles é o que mais se destaca; é uma capela com vitrais e altar. O mausoléu do conde do Parnaíba é de pedra maciça, ornado internamente com mármore branco. Entre os túmulos com mármore de Carrara encontram-se também alguns com inscrições em inglês, italiano e hebraico. O túmulo com inscrições em hebraico é procurado por grande número de visitantes, pois desperta geral curiosidade. O mais interessante nesse túmulo, contudo, é que — segundo parece — houve um equívoco na anotação da data do falecimento da pessoa que ali foi enterrada; pela inscrição existente, o falecimento teria ocorrido em 188 da era cristã ou 5658 do ano judaico; entretanto, como nos encontramos atualmente no ano de 1975, que o hebraico corresponde a 5736, temos que a data certa da morte daquela pessoa teria sido 1997 e não 1888.

Os livros de óbito do cemitério, de 1891 a 1913, são em número de onze, os quais, somados aos dos túmulos existentes, compõem uma documentação vasta para quem se interessa em pesquisas com o fito de enriquecer a nossa história regional e a própria história do Brasil.



Paulista F.C.

50 anos de glórias

(7.a parte)

O caso do amadorismo — As idéias precursoras do profissionalismo, conquanto ainda embrionárias, já davam demonstrações do seu desenvolvimento, lá pelos idos de 1918. Como já tivemos oportunidade de contar aos leitores, nos primórdios da existência do Paulista F.C. os jogadores praticavam o esporte por puro amadorismo, pois, conforme foi relatado, os que atrasavam o pagamento de suas mensalidades não podiam sequer continuar jogando.

Já no ano que estamos descrevendo, com o advento de partidas amistosas intermunicipais, o jogador de futebol começou a ser olhado com mais atenção pelos dirigentes. O clube que aumentava constantemente sua popularidade e renome tinha nos seus defensores o elemento principal para granjear esses sucessos. Era justo, portanto, que fossem tratados com mais atenção.

Em uma assembléia geral realizada em 2 de agosto de 1918, o sócio sr. José Rodrigues Branco propôs que os jogadores fossem isentos do pagamento de mensalidades e recebessem ainda uma ajuda do clube quando acidentados em jogos. Essa proposta foi unanimemente aprovada, iniciando-se, dessa maneira, um novo período de regalias para os que envergavam a camisa tricolor.

Campeonato do Interior — Nesse ano, escrevem as páginas da história do Paulista Futebol Clube, suas primeiras conquistas no cenário esportivo. Pela primeira vez a APEA realizou o Campeonato do Interior do Estado, vindo dele a tomar parte o tricolor de Jundiá. Sagrou-se campeão o E.C. Taubaté, mas o Paulista conseguiu vencer a primeira fase do certame, obtendo, dessa forma, o título de campeão desta zona; só não chegou à finalíssima. Dentre os adversários do tricolor, para a fase inter-zonas, contava-se o Corinthians Jundiense, que foi vencido por contagem não encontrada nos registros que pesquisamos. Em regozijo por esse título de campeão de zona, o sr. José Adrião Cassalho Júnior, que veio a ser, tempos depois, presidente do Paulista, os jogadores locais foram presenteados com um par de sapatos para cada um.

Gripe Espanhola — Não só o Paulista F.C., mas todas as sociedades esportivas, recreativas e mesmo os cinemas, paralisaram as suas atividades quando uma das maiores calamidades se abateu sobre a humanidade, qual seja a gripe espanhola, no mês de outubro de 1918. Essa epidemia de caráter alarmante deixou com seus atributos a dor, o luto e o desespero; o seu nome e a sua recordação continuam na história do Paulista F.C. como um capítulo sombrio, atestando, ao mesmo tempo, o desprendimento de seus dirigentes e jogadores. Em 21 de outubro o clube suspendeu todas as suas atividades, obedecendo a determinação emanada da Prefeitura. Então, por iniciativa da diretoria, foi criada uma comissão de socorro na

própria sede do clube, o qual funcionou no período mais agudo da doença, estando a cargo dos sócios Rosário Bruno, Virgílio Carderelli, Bruno Poltronieri e Ulisses Mazzola.

Foi desta forma melancólica que o Paulista viu escoar-se mais um ano da sua existência, eis que, depois de debelada a epidemia, os efeitos funestos e desastrosos de sua passagem em todos os setores da vida humana perduraram por muito tempo, não permitindo mais o reinício dos jogos naquele ano.

CAPÍTULO 6

A nova Diretoria — Em 19 de janeiro de 1919, numa das mais importantes assembléias até então realizadas, fazendo-se presentes 132 associados, foi eleita a diretoria que iria gerir os interesses do Paulista nesse ano.

Há quase três anos que não haviam eleições no clube, pois a última diretoria, que fora eleita em 1916, permaneceu empossada até o final de 1918, realizando um grande e louvável trabalho, com a reforma completa do campo. Terminado este trabalho é que foi convocada a Assembléia Geral para a entrega do mandato dessa diretoria e eleição da sua sucessora, pois, então, os objetivos propostos estavam alcançados. Foram eleitos nesse 19 de janeiro e empossados a 24 do mesmo mês os seguintes diretores: Manoel Anibal Marcondes, Presidente; Augusto Bueno de Miranda, Vice-Presidente; Guilherme Aranha, 1.º Secretário; Nestor Machado, 2.º Secretário; Joaquim Evaristo, 1.º Tesoureiro; e Joaquim Rocha, 2.º Tesoureiro.

Grandes jogos amistosos — A inauguração do campo e a entrada do Paulista no Campeonato do Interior trouxeram-lhe um período de enorme entusiasmo e euforia. Muitos foram os jogos que o tricolor realizou em seu próprio campo e em outras cidades. Em 11 de maio, veio a Jundiá o famoso Palestra Itália. As condições estabelecidas pelos palestrinos foram: passagem e hospedagem paga de sua delegação (30 pessoas) e disputa de uma taça. O Paulista concordou, sendo o troféu oferecido pelo sr. Aleardo Borim. A partida foi presenciada por um público que superlotou o campo, colhendo o clube jundiense uma expressiva vitória por dois tentos contra 1. A vistosa taça está até hoje guardada com carinho na sede social do Paulista.

De acordo com o que pudemos apurar, pesquisando os livros de atas, os quadros que tomaram parte nesse importante jogo foram: **Paulista F. C.** — Bruno, Lilo e Paulino; Rosa, Virgílio Bruci e Bertolini; Batata, Agenor, Miguelzinho e Ernesto Duarte; **Palestra Itália** — Flossi, Bianco e Grimaldi; Pedreti, Pigali e Fábio; Caetano, Imparato, Heitor, Ministrinho e Aldigliari. **Segundo Quadro do Paulista** — Tu, Mário Borim e James; Candão, Pichi e Noé Carderelli; Oliveira, João de Castro, Virgílio Carderelli, Jacó e Lamaneres; **Palestra** — Primo, Oscar e Egídio; Atílio, Vale II e Gasperini; Fortes II, Frederici, Mazuchi, Césari e Martinelli.

Lamentável acidente ocorreu na partida preliminar. Noé Carderelli, numa jogada infeliz, caiu de mau jeito e fraturou a perna. Estas reminiscências foram publicadas pelo autor deste livro no jornal "A Folha", em 11 de outubro de 1952.

O sr. Virgílio Carderelli, residente em Jacaré e que foi jogador do Paulista naquela ocasião, enviou à "Folha", em 16 de outubro de 1952, uma carta que a seguir transcrevemos, pois vem elucidar detalhes que não conhecíamos antes. A inserção desta carta contribui — e muito — para enriquecer ainda mais a história do Paulista F.C. Ei-la:

Jacaré, 16 de outubro de 1952
Ilmo. sr. redator de "A Folha"
Jundiá — Saudações

Com a presente venho apresentar-lhe os meus agradecimentos pela inclusão de meu nome na edição do vosso conceituado jornal e extensivos ao sr. Alvaro Sobrero, cujo número é do dia 11-10-52.

A título de colaboração, desejo prestar alguns esclarecimentos sobre o jogo do Paulista e Palestra Itália, em 1919: 1.º) — Os jogadores Bianco, Picagli e Heitor não jogaram, pois disputavam no Rio de Janeiro o Campeonato Sul-Americano, do qual saímos vencedores pela contagem de 1 a 0, gol de Fredereich, após duas horas de jogo empatado; 2.º) — Meu mano Noé fraturou a perna no final do jogo do 2.º quadro e que vencemos por 4 a 2; 3.º) — Eu joguei no 1.º quadro, por falta de outro jogador, apesar de contrariado pelas pessoas de minha família que assistiam ao jogo, devido ao lamentável acidente que levou meu mano ao hospital por mais de 120 dias. Marcaram os dois gols para o Paulista, Batata e Minguta, este último chutou um pênalti no travessão, pois na hora da penalidade foi seguro pelas pernas, por Grimaldi, e mesmo sem descaçar seu formidável canhoto, atirou na trave. Foi juiz o sr. Nestor Pedroso.

"Agradecendo a atenção que me dispensaram, aqui fico ao inteiro dispor dos meus conterrâneos. (a) Virgílio Carderelli".

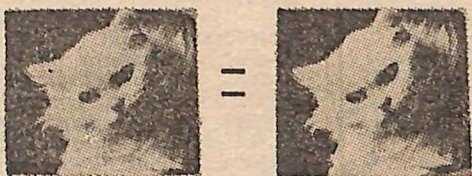
Uma explicação — Em 1952 tínhamos uma seção semanal no jornal local "A Folha", na qual contamos muitos episódios da vida do Paulista. Eis porque a carta acima ter sido endereçada ao redator de "A Folha", naquela ocasião, vindo, a seguir, às minhas mãos. Alvaro Sobrero era o pseudônimo com que assinávamos aquela seção esportiva. Há, como os leitores percebem, divergências nas escalões dos quadros. A que apresentamos foi extraída dos livros de atas do Paulista; a escalação apresentada pelo sr. Virgílio Carderelli deve ser a autêntica, eis que foi ele um dos personagens daquele jogo.

Eramos ainda bem jovens e, embora desconhecendo a organização dos quadros, lembramo-nos claramente do pênalti que Minguta chutou no travessão. Realmente, um jogador do Palestra Itália ficou bem próximo à bola que estava na marca fatal, ajoelhou-se fingindo amarrar a chuteira e quando Minguta desferiu o chute ele o segurou por uma das pernas, desequilibrando-o e fazendo com que a trajetória da bola fosse defeituosa, pois aquele jogador era exímio bater de pênaltis e jamais perdia um. Na outra parte da carta, em que o sr. Carderelli se refere ao Campeonato Sul-Americano, o jogo foi entre o selecionado brasileiro e o uruguaio.

No próximo número falaremos sobre jogos amistosos realizados pelo Paulista em 1919, a maioria vencida pelo clube local.

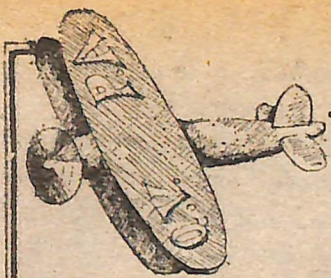
José Faggiano Júnior

FOTOCOPIADORA MALTONI



**nós temos o melhor serviço
de xerox da cidade.**

rosário, 618 - fone: 6-8460



O QUE VAI PELOS ARES

“Mescla de Diós y pantera”

Ruth Escobar, a incansável, está cogitando em montar um centro de estudos latino-americano ligado ao teatro, para botar em prática, nessa área da arte, a tese do jornalista Newton Carlos, esposada

pelo nosso Eduardo de Souza Filho (“Tango Americano”, *Jornal de 2.ª n.º 16*): somos todos buenos, ché!

Que Augusto Boal os ouça e abençoe. (E.M.)

Deu geada no champignon

Abelardo Figueiredo, dono de “O Beco”, restaurante de São Paulo, tentou conciliar Wilson “Dedo Duro” Simonal com os empresários de espetáculos, organizando um show “em homenagem à classe”, sem mencionar que o astro seria o alcaguete.

Assim que os empresários viram a figura

iscuriótica do “falador” no palco, uns se retiraram, outros manifestaram publicamente seu descontentamento pela traição do anfitrião Figueiredo.

“Veja” n.º 373 dá a notícia, chamando o “papagaio” de **informativo cantor**, num feliz rasgo de “charme e veneno”. (E. M.)

Hilton Hospital, Brasil

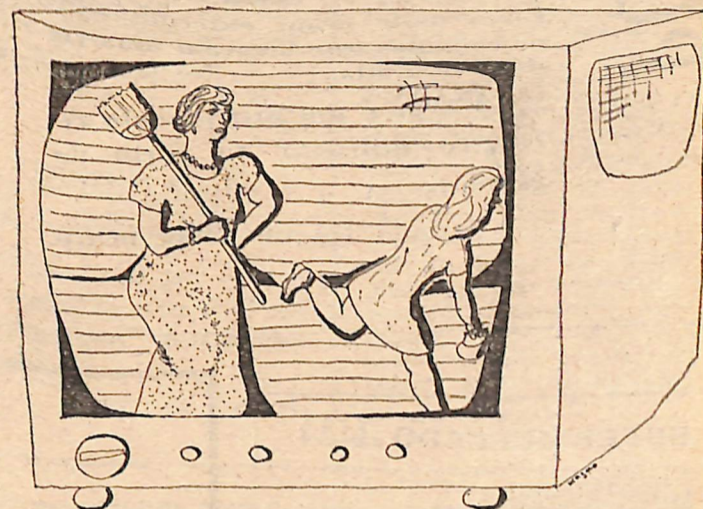
A revista “Veja”, n.º 373, da semana passada, traz matéria interessante sobre o preço da Medicina, concluindo que “do médico à farmácia, do laboratório ao hospital, o paciente paga

cada vez mais por sua saúde, no Brasil”. E apresenta um quadro comparando diários de hotéis de luxo e hospitais. Dá coluna dois, na cabeça. (E. M.)

“Gabriela, Cravo & Canela”

“Gabriela, Cravo & Canela”, um dos mais falados romances do baiano Jorge Amado, continua sendo, de longe o livro mais vendido no Brasil atualmente. E isto, sem dúvida, é muito ótimo, pois significa que o povo está interessado em conhecer essa felicíssima obra do grande romancista brasileiro. E o povo está certo em adquirir o livro, pois, de outra forma, ou seja, sem ler o livro, ninguém poderá dizer de modo algum que **conhece** o romance. Mesmo quem assistiu (sem perder um capítulo) à novela que a Globo apresentou como sendo “uma adaptação” de “Gabriela” de Jorge Amado. O que foi apresentado pela Globo, na verdade, nada tem a ver com o romance e, no máximo, foi um arremedo de adaptação.

Prá começo de papo (ou fim de), o dr. Mundinho Falcão, um dos personagens principais do romance do J. A., jamais teve caso algum com mulher alguma de



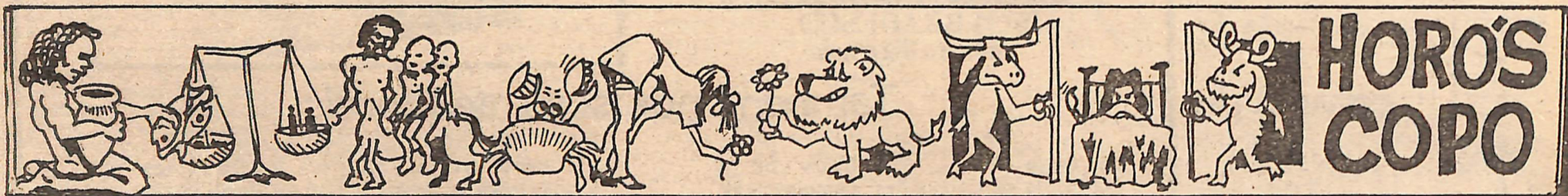
Ilhéus, onde chegou para fugir de um amor impossível. Ou seja, na tentativa de esquecer o **único** amor de sua vida: sua cunhada, esposa de seu irmão. Na “adaptação” que foi apresentada, o dr. Mundinho, “de estalo”, apaixonou-se pela neta de seu maior inimigo político!!!

Outra coisa: de onde se tirou que as mulheres — ou senhoras de Ilhéus como eram chamadas — tomavam posição frente ao coronelismo (ou machismo) naquela época? No romance, ao tempo do coronelismo mulher não tugia nem mugia. Na novela da Globo, contudo, “as senhoras de Ilhéus” tomavam posição, influenciavam o clero, protestavam contra a prostituição, o

adultério, a inferiorização da mulher etc.

Enfim, a novela apresentada pela Globo não tem nada, absolutamente nada a ver com o romance de Jorge Amado. Quem quiser saber mesmo das coisas de “Gabriela, Cravo & Canela” tem que comprar o livro. Não há outra solução. E vale a pena. (Aliás, é o que o povo está fazendo, segundo pudemos constatar em nossas idas às livrarias).

Célia de Freitas



HORÓSCOPO

Áries (21-3 a 20-4)

Receba bem o turista. Você, seu pai, seu avô, todo mundo recebendo bem, tá legal?

Touro (21-4 a 20-5)

Dê-se por feliz. Seus primos Miúras estão numa bem pior: ninguém mais fala neles, somente no “cabrón”.

Gêmeos (21-5 a 20-6)

Aproveite a sua dupla personalidade e torne-se bilingue. É fácil: Mister, senhor. Carnaval, Carnaval mesmo. E assim por diante.

Câncer (21-6 a 21-7)

Faça questão de ser cha-

mado pelo seu nome. Evite traduções. Turista é doido por caranguejo. Com caipirinha, então...

Leão (22-7 a 22-8)

Até que enfim chegou a sua vez. A partir de agora, e graças à ASTA, você será **Lion**. A única coisa chata é que a sua patroa vai ser chamada de **Domadora**. Diga “Welcome” e vá em frente: teu lema é servir.

Virgem (23-8 a 22-9)

Feche os olhos, prenda a respiração e diga: “Twenty dollars”. E aproveite.

Balança (23-9 a 22-10)

Período negativo. A sua dona anda tão mal da vista que, logo logo, vão trocá-lo por uma bengala. Santa Luzia que o proteja.

Escorpião (23-10 a 21-11)

O seu veneno e mais o charme da mulher brasileira estarão em grande voga, do congresso da ASTA em diante. Rebole, diga “ulalá, samba, we have bananas” e tudo correrá bem pra você.

Sagitário (22-11 a 21-12)

Mande, urgentemente, fazer muitas fotos suas, coloridas (procure a Foto Zezinho, ele trabalha rápido). Depois ponha uma dedicatória “With love” e assine “Bumba, meu Boi”. Os gringos pouco entendem de folclore e você vai faturar alto.

Capricórnio (22-12 a 20-1)

Se o chamarem de Sérgio Mendes, toque uma rumba e sorria. Smile. Você ainda pode ir parar na Casa Branca.

Aquário (21-1 a 19-2)

Eu boto muita fé em você. Porque na sua era, o Ano 2000, talvez seja a vez da gente fazer turismo lá na terra deles. Será a forra.

Peixes (20-2 a 19-3)

Evite contratos com o BNH. Se você tiver que se enfiar em algum lugar, procure um aquário (você tem um, não?)

PROFA. ZULEIKA

PUFS!

Opúsculo é um beijo que os literatos franceses trocam entre si, nas reuniões da Academie Française.

Mastim foi um pirata russo que odiava cachorros.

Os Doze Césares não conseguiram fazer um único gol, na Copa do Mundo de 1936, na Itália.

Prostíbulo é uma espécie de forca onde eram exterminados os romanos que levavam uma vida desregrada.

Biceps é um instrumento cirúrgico utilizado no parto de gêmeos.

Senzala foi um líder negro

que muito lutou pela libertação dos escravos.

Tricúspide é a célebre passagem bíblica em que Pedro abjura Jesus.

Anátoma é uma veste que as pecadoras gregas usavam sob a saia.

Decoro parlamentar é a facilidade para se memorizar nomes de deputados e senadores.

Molécula foi o menor dos imperadores de Roma, quase invisível a olho nu.

Pústula é uma veste prateada, utilizada pelos cardeais na celebração da Festa de São Lázaro.

Édipo ficou cego de raiva

ao saber que sua mãe amava uma mulher.

Marxismo é o salutar hábito de andar a pé, a passos largos, pelas ruas da capital, no Dia 1.º de Maio.

Alcatraz é um presídio norte-americano exclusivo para alcoólatras, principalmente vítimas do conhaque.

Serafim é um tipo de parafina usada para se confeccionar anjinhos de presépio.

Sodoma e Gomorra foram dois boêmios italianos, cujo prazer era acabar com as festas que duravam muitos dias seguidos.

Salomé perdeu a cabeça ao ver João Batista dançar.

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

DOCEIRA JUNDIAÍ LTDA

DISTRIBUIDORA DE
doce

balas

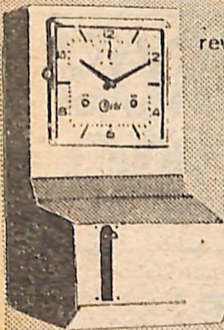
chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO
DO **PANETONE 900**
RUA DR. TORRES NEVES, 292 FONE: 6.7400
O TELEFONE DOCE DA CIDADE

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



revendedor autorizado
em Jundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA
LTDA.

BARÃO - 427
FONE: 6-8231



COZINHA
JUNDIAIENSE
LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA - 408
FONES: 6 6392 & 6 2461

\$O\$ BRADESCO

Agora no «SNACK-BAR» POSTO E RESTAURANTE

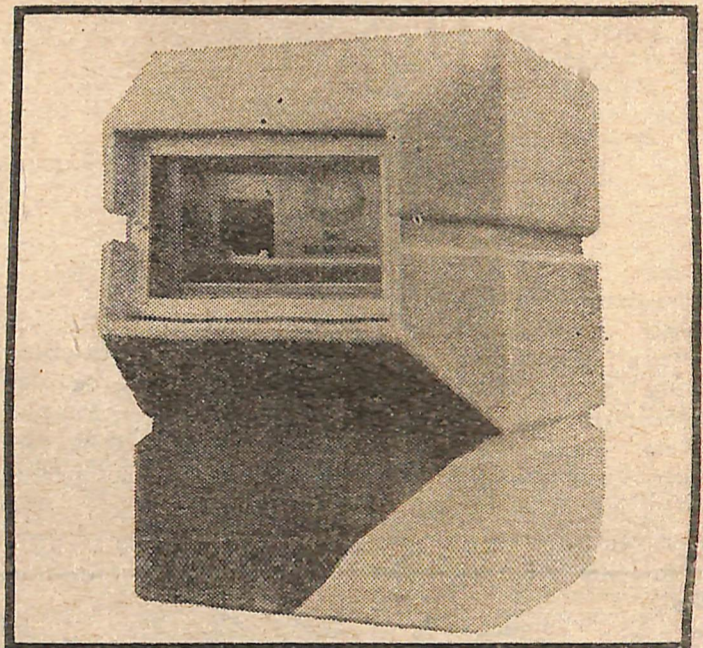
Av. Jundiaí, 770 - Jundiaí - SP

O Caixa Automático SOS Bradesco é dinheiro à sua disposição 24 horas por dia. Inclusive aos sábados, domingos e feriados.

Ele garante a sua tranquilidade nos fins de semana, compras, passeios ou em qualquer emergência.



\$O\$ BRADESCO
dinheiro dia e noite



Também nos seguintes locais:

São Paulo - SP
Aeroporto de Congonhas
Água Branca
Brooklin Paulista
Cambuci
Consolação
Ibirapuera
Ipiranga
Lapa
Moóca
Pacaembu
Pinheiros
Pça. Panamericana
Radial Leste
Santana
São João

Bauru - SP
Campinas - SP
R. Bar. de Paranapanema
Av. Barão de Itapura
Guarujá - SP
Osasco - SP
Piracicaba - SP
Ribeirão Preto - SP
Santo André - SP
Santos - SP
S. Bernardo do Campo - SP
S. Caetano do Sul - SP
S. José dos Campos - SP
S. J. do Rio Preto - SP
Sorocaba - SP

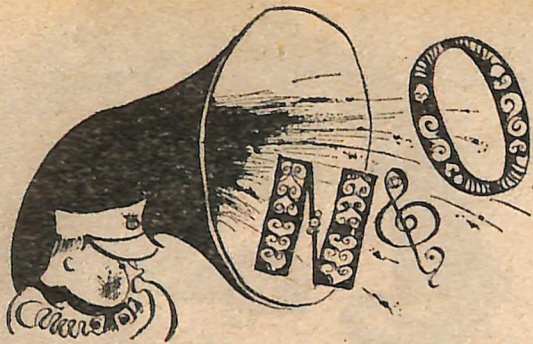
Rio de Janeiro - RJ
Aeroporto Santos Dumont
Bairro Ipanema
Bairro Tijuca
Canecão
Gávea
Niterói - RJ
Salvador - BA
Bairro Chame-Chame
Bairro Pituba
Bairro Nazaré
Feira de Santana - BA
Brasília - DF
Fortaleza - CE
Belo Horizonte - MG
Goiânia - GO

João Pessoa - PB
Curitiba - PR
Londrina - PR
Maringá - PR
Recife - PE
Praia da Boa Viagem
Bairro Graças
Maceió - AL
Natal - RN
Florianópolis - SC
Joinville - SC
Blumenau - SC
Manaus - AM
Belém - PA
Porto Alegre - RS
Campo Grande - MT
Vitória - ES



BRADESCO

garantia de bons serviços



TV CULTURA PERDE DIRETOR DE JORNALISMO

Os jornais do dia 27-10 noticiaram a morte do jornalista Wladimir Herzog, 38 anos, casado, pai de 2 filhos "que se suicidou na tarde de sábado nas dependências de um órgão do II Exército, segundo nota oficial".

Herzog era diretor do Departamento de Jornalismo da TV Cultura, Canal 2, que faz um dos melhores telejornais de São Paulo.

Wladimir era lugoslavo de nascimento e veio para o Brasil ainda menino, acompanhado de seus pais que fugiam da perseguição nazista, no tempo da II Guerra Mundial. Era naturalizado brasileiro. (E.M.)



ABITE DESDOBRA-SE

O corretor Abdoral Lins de Alencar estará inaugurando nesta semana um novo ponto de negócios imobiliários em Jundiá. Trata-se da A.G. Imóveis, que se abrirá à sua clientela, possivelmente, na sexta-feira, dia 7, estando localizada à rua Senador Fonseca, 1.303.

Alencar explica o aparecimento dessa nova firma como um desdobramento da Abite, que há vários anos funciona sob a sua responsabilidade na rua do Rosário, 585, e agora deverá funcionar exclusivamente com venda de passagens e organização de excursões, enquadrando-se nas novas exigências da legislação do turismo.

CADÊ O DAE, GENTE?...

A despeito do que dissemos na última segunda-feira, a fedentina continua defronte o n.º 126 da rua Secudino Veiga. Já vai pra mais de mês.

E o DAE, por seu turno, continua também dormitando à sombra fresca da sinecura.

Que é isso, "seu" prefeito... Meta o ferrão nele. Esse negócio de encolher é pra sanfona. Quanto a nós, precisamos de assistência.

Afinal, pra que é que se paga tanto imposto? Pra que a podridão aflore à porta de nossas casas?

Que é que é isso...

Já chegam os vazamentos que de "minuto a minuto" estão ressequindo as torneiras da vizinhança.

Agora que o calor chegou, alguém precisa dar um jeito naquela fedorência.

"Seu" prefeito, camaradagem — faça alguma coisa além das "modernas avenidas" — meta o ferrão no DAE. - C.

BARZINHO MANHOSO

Quietinho, com jeito de quem nada quer, surgiu na Siqueira, junto ao Edifício Mariju, um barzinho de muito bom aspecto e com gente boa atrás do balcão.

Conquistou num instante toda a clientela com escritórios no edifício e já está sendo ponto de encontro, lanche ou café também para muitos comerciários da Rosário e da Barão. José Zacarias, gerente do Grande Hotel, e Raulim Bueno da Silva são os proprietários.

Seu nome: Gato Chorão. — C.F.P.)

ASSOCIAÇÃO ESTÁ COM TUDO NA SENADOR

Dia 18 deste mês será eleita a nova diretoria da Associação Cultural e Recreativa de Jundiá-ACREJ (antes chamada Associação dos Empregados do Comércio), cuja sede própria vai se inaugurar 30 dias depois, portanto, a 18 de dezembro, na esquina da Senador com Barão do Triunfo. Na composição da chapa que parece será única nessa eleição, os mais antigos diretores, em número de 21, cuidadosamente pesquisados nos primeiros livros de ata da Associação, vão figurar como conselheiros e daí vão sair os novos diretores.

Todos gente muito boa, vale dizer. Falta dizer que vai haver festa de semana inteira em regozijo pela sede própria, aliás um prédio com dependências de fazer inveja a qualquer outro clube da cidade, e o secretário Sílvio Caldas (já muito da casa) estará marcando cartão com Angela Maria e Elizete Cardoso, num autêntico "show" de música popular brasileira.

É tudo o que sei até agora. (C.F.P.)

ZETISERVE ABRE CAMINHO

Todo dia e em especial nos fins de semana, a Avenida Antonio Segre está tendo um movimento extraordinário de carros, quase se congestionando. Tudo por causa do Zetiserve, que entrou em funcionamento há três semanas e está abafando a banca em matéria de frango frito e aperitivos. O tal de "chicken-in" está sendo servido em doses suficientes para satisfazer qualquer gastrônomo.

E temos informação segura de que logo vão ser introduzidos outros pratos, como também os lanches tradicionais que estão sendo reclamados por uma parte da clientela. A expectativa geral é de que a casa continue a faturar firme, pois só assim outros empreendedores vão se sentir encorajados a investir nesse setor ainda bastante deficiente em nossa cidade. O troço é psicológico, gente. Lembrem quando foi fechado o Snack Bar? Pois bem, demorou mais de dois anos para se ter coragem de fazer coisa nova em Jundiá.

(C.F.P.)

MARLBORO COUNTRY

Em plena Copacabana, componentes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, devidamente caracterizados e montados em seus cavalos, fizeram uma demonstração de suas artes aos congressistas da ASTA (agentes de turismo reunidos no Rio de Janeiro).

Finalidade da demonstração dos gaúchos: mostrar aos congressistas que existe, no Brasil, uma região muito parecida com o Texas.

É isso aí, bichos!

(E.M.)

O HOMEM QUE LÊ SABE MAIS

Tenho lido tanto sobre os malefícios causados pelo fumo que, finalmente, resolvi deixar de... ler.

(Célia de Freitas)

O QUE DÁ MAIS IBOPE

Pensando bem, dá muito mais IBOPE derrubar o casarão conhecido como Solar do Barão de Jundiá do que falar na sua conservação. Prova disso foi a manchete que se viu quinta-feira passada, após ser discutido (e aprovado) na Câmara um requerimento do presidente Carlos Úngaro pró-destombamento do tal imóvel.

O *Jornal da Cidade* apressou-se em interpretar a posição da Câmara como favorável à derrubada do Solar, quando, na realidade, o que se falou na tribuna, justificando o requerimento de Cau, foi que se devia tirar das costas dos outros imóveis situados no centro o peso do Solar (aquela história de não se poder mexer em nada num raio de 300 metros — que piada!), mas conservá-lo em pé, restaurado, com museu funcionando, nada mais que isso. Destruir dá mesmo mais IBOPE. Está falado. (C.F.P.)



OFERTÃO

do

JORNAL DE 2.a FEIRA

Fazendo já a sua assinatura para 1976, ela começa a valer a partir de novembro. Quer dizer, você ganha dois meses de lambuja. Ligue-se conosco para aproveitar essa chance. Nosso telefone: 4-2759.

O MELHOR PLANO NACIONAL

60 MESES

A MAIS COMPLETA LINHA DE VEÍCULOS.

SEM ENTRADA, SEM JUROS E SEM RESERVA DE DOMÍNIO

CONSÓRCIO NACIONAL

Ford Administração e Consórcios Ltda.
Certificado de Autorização da Secretaria da Receita Federal 10/116

O ÚNICO COM GARANTIA DE FÁBRICA



A SUA GRANDE CHANCE ESTÁ NA

VESCAM S.A.
Indústria e Comércio

AVENIDA JUNDIAÍ, 1465
TELEFONE: 4-0478

Sábado com Tozzi na Cuca

Cláudio Tozzi tem 30 anos. É um não-arquiteto formado pela FAUUSP. Não-arquiteto é modo de dizer.

Fala, Tozzi!

"Considero o espaço um fato comum à arquitetura e à pintura, pois exige uma ligação bastante estreita entre ambas, se pensarmos que se preocupam com o tratamento do espaço".

Tozzi é um cara sério e objetivo no seu trabalho, na sua preocupação com a comunicação da imagem ligada às contradições do cotidiano da cidade, das classes sociais, das pessoas, dos mitos, dos heróis. enfim, de todo o repertório de comunicação de massas.

Fala, Tozzi!

"...na minha pintura surgem temas populares onde o processo de trabalho é bastante semelhante ao de um jornalista que pesquisa dados e codifica a mensagem final".

Em 1965 e 1966, Tozzi realizou uma série de trabalhos tendo como tema a guerra do Vietnam.

Em 1967, fez a série "bandido da luz vermelha", usando

uma linguagem de história em quadrinhos. Parte dessa série tinha uma lâmpada com luz vermelha, presa ao suporte, que acendia e apagava, intermitentemente.

A fase de 1968 caracterizou-se pela preocupação com sentimentos, aspirações e vibrações coletivas. É desta fase a sua série "multidões" (capa, "Multidões", acrílico sobre tela, 1968). São painéis de 2 a 6 metros, apenas em branco e preto e os temas foram os festivais de música popular, as passeatas estudantis, as torcidas de futebol, as multidões em geral e na geral.

Fala, Tozzi!

"O parafuso representa a torção, a pressão que o homem sofre na sociedade contemporânea".

Em cima disso Tozzi trabalhou durante dois anos, 1971/72. É, talvez sua fase mais marcante. Um desses trabalhos — um parafuso esmagando um cérebro — está na coleção particular de Roberto Pontual, crítico de arte do "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro.



O trabalho atual de Cláudio Tozzi parte de um conceito: a cor pura e sua dissociação. A estrutura do quadro é, em geral, geométrica, situando, numa área, a cor pura e na outra a sua dissociação: pontos e tramas que lembram a retícula aberta do "outdoor".

O poeta Haroldo de Campos criou um poema que retrata essa fase da obra de Tozzi.

"que abre em janela
e fecha em jaula".

A Cuca (Rosário, 694) vai mostrar o trabalho-reportagem de Cláudio Tozzi, sábado, dia 8 de novembro, às 8 da noite.

